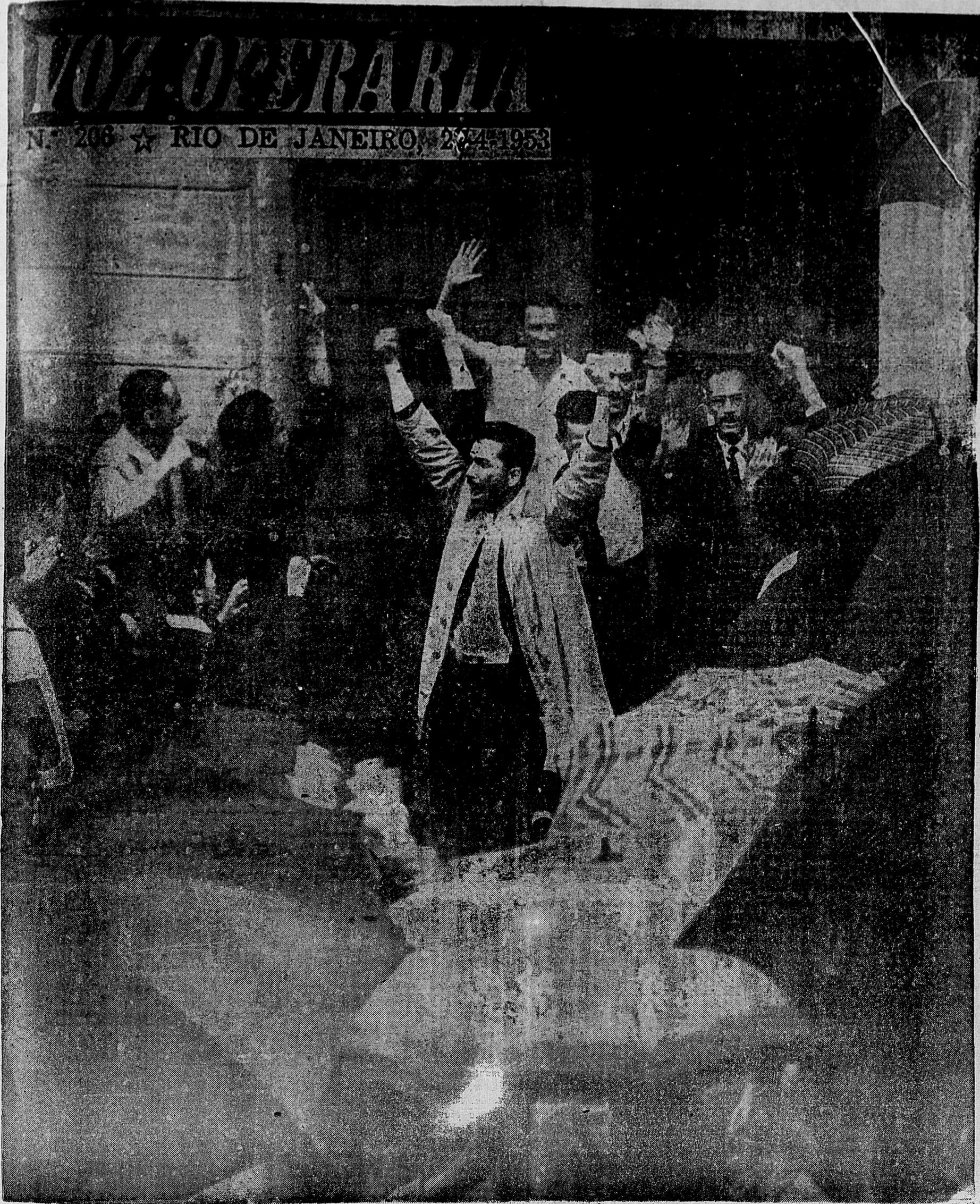


A GRANDIOSA GREVE DO PROLETARIADO PAULISTA

VOCÊ O DEBATE

N.º 206 ★ RIO DE JANEIRO, 28/4-1953



Ergamos bem alto a bandeira da Independência e das Liberdades Democráticas

Há mais de século e meio, no dia 21 de abril de 1792, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, subiu serenamente ao patíbulo e enfrentou com bravura a infame justiça colonial de D. Maria I. Tiradentes lutou e morreu para que o Brasil pertencesse aos brasileiros para que revivesse em benefício de nosso povo a imensa riqueza de nossa terra, para que o povo brasileiro gozasse das liberdades proclamadas pela Revolução Francesa e da independência já conquistada pelo povo norte-americano.

Tiradentes foi um exemplo imorredouro da vontade indomável de nosso povo de conquistar a independência nacional. «Liberdade ainda que tardia» — inscrevera o Tiradentes na bandeira que ergueu destemidamente contra os dominadores lusitanos. E este brado de luta golpeava em cheio a opressão e exploração brutal que pesavam sobre nosso povo.

A libertação do Brasil do jugo português, realizada muitos anos depois que Tiradentes foi levado à forca, não deu ao Brasil a verdadeira independência econômica e política. Por isso, sua bandeira não mais deixou de tremular em nossas lutas de libertação. Hoje, quando as classes dominantes vestiram a librdade de lacaios do imperialismo americano e o Brasil está ameaçado de voltar à degradante situação de colônia, a herança da luta de Tiradentes por uma pátria livre, próspera e democrática pertence a todos os brasileiros patriotas. Por isso mesmo, pertence, em primeiro lugar, à classe operária, a classe mais revolucionária da sociedade brasileira, a classe cujo Partido de vanguarda eleva a uma altura nunca antes elevada, com firmeza e decisão, a grande bandeira da luta pela independência nacional.

A bandeira de Tiradentes era também a bandeira das liberdades democráticas, liberdades que o jugo português punha fora da lei para manter a dominação sobre nosso povo. Hoje, com o objetivo de entregar completamente o Brasil ao imperialismo, as classes dominantes, traidoras, bem como o governo traidor de Vargas, com mais fúria do que nunca, atiram-se contra as liberdades democráticas, restringem, pisoteiam e negam na prática os mais elementares direitos do povo e de cada cidadão. Sufocar por todos os meios as liberdades democráticas é hoje, para os inimigos do povo brasileiro, um fator decisivo para poder prosseguir em sua política de guerra, de esfacelamento e liquidação da soberania nacional.

Conquistar a independência nacional e a liberdade — eis as duas grandes tarefas para cuja solução os comunistas conclamam o povo brasileiro. E' este chamado é feito pela palavra do maior e mais querido dirigente que nosso povo jamais teve: Luiz Carlos Prestes.

Em seu informe ao Pleno do C.N. do P.C.B., há dias divulgado o camarada Prestes, absorvendo e aplicando magistralmente ao Brasil as últimas lições do grande Stálin mostra que é em torno da bandeira das lutas pelas liberdades democráticas e pela independência nacional que a nação brasileira se congregará e derrotará seus inimigos. E' uma luta que interessa a todos os que sofrem com a falta de liberdades e com a dominação imperialista, isto é, desde a classe operária e os camponeses até a esmagadora maioria da burguesia nacional.

Estamos em plena comemoração do Mês de Tiradentes. O dia de Tiradentes transcorre no momento em que a camarilha feudal-burguesa procura apressar a aprovação por senadores vendidos, do Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos e do projeto da Petrobrás, instrumento que destroem a nossa soberania, liquidam nossa liberdade e entregam nossas riquezas aos imperialistas ianques.

Para intimidar nosso povo, o governo norte-americano despacha, para a própria capital do país, uma grande esquadra de guerra, a maior que já singrou nossas águas ou aportou em nossas cidades.

Tola ilusão. O povo brasileiro, não se deixará intimidar. Arrado com os ensinamentos que o informe do grande Prestes lhe coloca nas mãos, intensificará ainda mais sua luta, forjará sua Frente Democrática de Libertação Nacional, alicerçada na aliança operária-camponesa e conquistará, sem dúvida alguma, a independência e a liberdade.

Seguiremos seu caminho

Na qualidade de partidária da paz, levo à VOZ OPERÁRIA os meus pêsames pela morte do camarada Stálin. Não posso deixar de manifestar a minha dor pela perda de um vulto querido de toda a humanidade, uma grande luz que

iluminava um mundo de paz e felicidade para toda a humanidade.

Mas, nós saberemos seguir o caminho que nos ensinou o grande camarada Stálin.

Antonia Feitosa — Ceará

★ VOZ dos LEITORES ★

Honrado é o teu nome, Stálin

Pêsames pela morte do grande mestre e guia, o camarada Stálin. Verdadeiro pai dos povos soviéticos porque soube conduzi-los no caminho da liberdade, arrancou-os da miséria, das perseguições do tzarismo opressor.

As mulheres soviéticas são gratas à Stálin que as tirou da escravidão e da inferioridade em que viviam tornando-as iguais aos homens em direitos.

Meus pêsames. Mas, também meus parabens por ter sabido ser sincero, não só para o seu povo como também para o povos do mundo inteiro. Tua Pátria vive de cabeça erguida, afugentando os inimigos da humanidade que desejam uma nova guerra.

Camarada Stálin! Soubeste erguer bem alto a bandeira de Marx, Engels e Lénin, mestre e companheiro nas lutas pela libertação do proletariado da exploração capitalista. Honrado é o teu nome e respeitado por todos nós, filhos do proletariado, principalmente as mulheres.

Saudades, saudades, saudades, sempre lembrado Stálin. Tua consciência foi limpa e pura pelo grande bem que praticaste. Viverás eternamente nos corações dos povos do mundo inteiro.

Sou uma simples tecelã, hoje com 66 anos e, há 54 anos que luto ininterruptamente para conquistar para minha Pátria aquilo que construiste na União Soviética. Com a ajuda dos teus sábios ensinamentos e com a solidariedade dos trabalhadores do mundo inteiro espero ansiosa a chegada desse dia.

Glória eterna à Stálin!

a) Rosa da Costa Bittencourt.

Os flagelados não recebem alimentos

Em 9 de março, aqui em Mossoró, o povo tomou conhecimento de que duma remessa de gêneros vinda do Sul para dar aos flagelados, os melhores alimentos como ovos, abacates, bananas, etc. estavam sendo distribuídos aos ricos; outra parte estava sendo vendida no comércio de Areia Branca, charque e Brecha. O «Mossorense» anunciou que parte dessa mercadoria estava na L.B.A. e nos Armazéns Fernandes.

Imediatamente o povo acorreu em busca dos alimentos. Oitocentas pessoas, entre homens, mulheres e crianças, invadiram os armazéns da L.B.A. e distribuíram a mercadoria que restava — apenas 14 fardos charque e alguns sacos de fubá — que não chegaram para todos. O estoque dos Armazéns Fernandes desapareceu.

A denúncia era verdadeira. Parte da mercadoria estava sendo vendida aos flagelados em serviço na Estrada Areia Branca-Mossoró,

encontrando-se muita coisa em poder de Vingt Rosado, prefeito recém-eleito. Consta, tinha um depósito cheio de feijão. Também visto o sr. Severino Rosa de carregando um caminhão de mercadoria numa bodega. Tal é o destino das coisas que vêm do Sul — entram sem que o povo veja.

A ação do povo abalou a cidade. Durante 3 dias houve grande aglomeração no centro, obrigando a distribuição da farinha existente. Como isso não bastasse para matar a fome, grupos de homens abateram bois e bodes e dividiram entre si a carne. Um desses grupos abateu um novilho, entregou o couro ao capitão, mandando debitar a despesa na conta do prefeito. Os exploradores ficaram apavorados. O prefeito Francisco Mota e o recém-eleito Vingt Rosado pediram reforços a Natal. O povo aguardava comida foi apreendido com um avião soldados armados até os dentes. Cedo se desmascarou o sr. Vingt Rosado que se zia «pai dos pobres» e «filho de Mossoró», para roubar votos do povo.

Os grandes fazendeiros seus partidos, temendo ameaça à sua situação, dirigiram o povo dizendo que havia muito serviço na estrada Mossoró-Açu, com o levaram muita gente para fora da cidade. Lá chegaram o povo nada viu. Ficou sem sol, sem alimento e água, beira da estrada. Novo estorço, com o arrombamento de barracão, distribuição de alimentos, carneamento de bodes. Os chefes como Ch. Mota e o engenheiro ficaram tremendo, pedindo o retorno do pessoal.

Todos regressaram com mais ódio do governo de Mossoró e dos seus paus-martelos. Eles aprenderam com a experiência de suas lutas reforçam a confiança em si mesmos, certos de que, unidos e organizados, poderão conquistar comida, uma vida digna e humana.

Do Correspondente

Alta de gêneros em Novo Hamburgo

choro muito a tua perda e, levarei pelos anos a tua lembrança querida. Eu ensinei a meus filhos, e aos filhos dos outros que nenhum homem mereceu tanto amor, tanto carinho como tu soubeste merecer.

Adeus camarada Stálin, condutor dos povos. Embora triste, já um riso floresce nos meus lábios, quando olho para o futuro porque tu trabalhaste até os últimos dias para que ele fosse belo e promissor.

ADEUS, FORJADOR DO FUTURO.

(a) Um jovem Comunista

Adeus, forjador do futuro!

Ainda com os olhos tristes e alma dolorida, penso em ti, camarada Stálin. Penso no que tu foste, no que és e serás sempre para a humanidade. E, que consolo sinto, ao saber que milhões de homens também pensam em ti neste momento, com o coração cheio de tristeza e saudade, saudade de ti camarada Stálin.

Caro Josef: sou um jovem de 20 anos e já me deram a honra e a felicidade de empunhar tua bandeira gloriosa e invencível, de participar da luta pela liberdade do Homem, luta que dirigiste, por tanto tempo e tão sabiamente. Ao lembrar-me disto, sinto uma tristeza infunda por saber que não mais vives, tu, camarada Stálin, que foste nosso guia, chefe e pai amigo. Sinto muito, muito mesmo, que não mais bata teu coração — este coração tão cheio de bondade e amor por todos nós.

Mas a tua OBRA, teus ensinamentos, aí estão para iluminar o caminho dos comunistas do mundo inteiro. Teu último discurso inspira e incentiva a heróica luta do bravo povo coreano pela libertação de sua pátria. Este teu último ensinamento aí está para mostrar a nós, comunista brasileiros, que devemos erguer, cada vez mais alto, a bandeira da libertação nacional que o Partido

de Prestes tem todas as condições para conquistar uma Democracia Popular, abrindo o caminho da felicidade para nosso povo.

O camarada Stálin! Guia dos povos, gênio do pensamento. Homem de Aço! Por que tu foste embora? Lembro-me agora — tu mesmo nos ensinaste: — tudo nasce, cresce, vive... e morre. Tu nasceste — filho de um sapateiro —, crescestes na tua glória aos olhos de mundo inteiro; viveste, inteiramente dedicado à causa do comunismo, à felicidade do Homem e, por fim, ó desgraça a morte cerrou teus olhos que tanto to e tanto valeram por nós.

Mas, sei que morreste tranquilo, conhecendo o valor do teu povo que vive construindo o comunismo na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — a qual, como bem disse o Cavaleiro da Esperança, jamais havemos de combater; teus olhos se cercam cheios de tranquilidade, porque conheceram a firmeza dos teus substitutos, porque tu confiavas — como todos nós, confiamos — que os povos, aprendendo uma de tuas últimas lições não de tomar nas mãos a causa da PAZ, da qual foste o Campeão, e conquistá-la para todo o sempre.

Adeus camarada Stálin. Eu

de novo desta cidade de Novo Hamburgo, tendo à frente os trabalhadores, está movimentando-se no sentido de realizar uma grande manifestação contra a carestia da vida. Aqui tiveram início as jornadas de julho e agosto que empolgaram o Rio Grande do Sul, com gigantescas greves gerais contra a carestia da vida no ano passado.

A banha está custando 25 cruzeiros, quando a tabela marca 18; o arroz custa 11 e 14 cruzeiros — 80% mais do que há dois meses atrás.

O índice de tuberculose cresce dia a dia, de maneira espantosa, pois, os salários não chegam a mil cruzeiros e já começa a faltar serviço na cidade. Enfim, a vida dos trabalhadores de Novo Hamburgo é cada vez mais difícil, razão por que a luta contra a carestia da vida e o governo de Vargas ganha cada vez maior impulso e mobiliza quase a totalidade de nossa população.

Do Correspondente

LIBERDADE PARA OBDÚLIO BARTHE!

Exmo. Sr. Dr. Frederico Chaves — Palácio do Governo — Assunção (Paraguai).

Como brasileiros democratas, vimos protestar contra o crime que se pratica mantendo no cárcere o cidadão OBDÚLIO BARTHE e exigimos, em nome dos direitos humanos, a sua imediata libertação. Saudações democráticas.

as.) A. Souza Palma, Flávio Palma, José Angelo de Souza, Cornélio Ferreira Lima, Adão Barbosa, Elias Prado Adolfo Gordo Filho, Josias Alves, Francisco Canhete, Maria L. Palma, Cesário Moralejo Bermudas, André Falandes, Angelo Cândido, José Fagundes Casemiro Costa, Diogo Garcia Gimenez, João Milani, Damásio Soares Nascimento e mais 20 assinaturas.

Do Correspondente

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE
LIMA E SILVA

MATRIZ: Av. Rio Branco
257 - 17º andar - Sala 1714
SUCURSAIS

SAO PAULO - Rua dos
Estudantes, 84 - Sala 20
P. ALEGRE - Rua Volun-
tários da Pátria, 527 - 51
RECIFE - Rua do Palácio
295 - Sala 206 - Ed. São
SALVADOR - Rua José
de Deus, 1 - Sala 1; FOR-
TALEZA - Rua Barão de
Rio Branco, 1245 - Sala 20

ASSINATURAS

AnualCr\$ 60,00
SemestralCr\$ 30,00
TrimestralCr\$ 15,00
N.º AvulsoCr\$ 5,00
N.º atrasadoCr\$ 1,00

Este Semanário é reimpresso
em S. PAULO - REDEMI-
ÇÃO - FORTALEZA - SALVA-
DOR - PORTO ALEGRE -
RECIFE - RECIFE - RECIFE
JOÃO e SILVIA

MANIFESTO do 1º de Maio

DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Trabalhadores!

Camaradas e amigos!

O Partido Comunista do Brasil, às vésperas do 1.º de Maio, vos conchama à luta! O 1.º de Maio é a grande data dos trabalhadores do mundo inteiro. O 1.º de Maio é a jornada da solidariedade internacional dos trabalhadores. Em todo o mundo, milhões e milhões de homens simples comemoram organizados e unidos sua festa tradicional, a festa da fraternidade operária e de todos os que lutam contra os agressores e incendiários de uma nova guerra: pela paz, pela democracia e o socialismo.

Numa terça parte do mundo, que se estende desde as margens do Elba no centro da Europa até a China e a Coreia, 600 milhões de pessoas já estão livres das cadeias da exploração capitalista e fazem por isso do 1.º de Maio um dia de alegria, festejam as novas vitórias alcançadas na construção do socialismo, realizam sua vontade de paz e amizade com todos os povos. A frente deste poderoso campo da paz está a gloriosa União Soviética, fortaleza invencível, baluarte da paz no mundo inteiro, que avança triunfalmente no caminho da construção da sociedade comunista. Sob a direção do grande Partido de Lênin e Stálin, os povos soviéticos erguem as grandiosas obras do comunismo, melhoram ininterruptamente suas condições de vida, elevam a níveis jamais vistos a própria cultura. Enquanto no mundo capitalista aumenta todos os dias a miséria e a exploração dos trabalhadores, na União Soviética baixam progressivamente os preços de todos os produtos de consumo popular — as rebaixas de preços se sucedem e constituem a manifestação mais evidente da política de paz de governo soviético que se orienta no sentido de assegurar o bem-estar crescente de toda a população. As rebaixas de preços na U. R. S. S. traduzem o crescente poderio econômico de Estado soviético, base indestrutível de seu poderio militar cada dia maior e invencível. Os heroicos trabalhadores da União Soviética mostram, neste 1.º de Maio, aos povos do mundo inteiro o caminho para um futuro feliz e luminoso.

Em nosso país, é sob o signo de grandes lutas da classe operária e de todo o povo contra a miséria crescente que comemoramos este ano a grande data dos trabalhadores. Uma onda de indignação popular contra a política de guerra e fome, de traição nacional e de terror policial, do sr. Vargas avança pelo país inteiro e à frente do povo erguem-se em lutas memoráveis a classe operária. Depois dos ferroviários de Santa Maria e dos heróicos proletários da cidade do Rio Grande, foram os têxteis, os sapateiros, os portuários do Distrito Federal, os têxteis de Pernambuco e da Paraíba, os operários da cidade do Salvador. Agora são os operários de São Paulo que, enfrentando com decisão a exploração patronal e a brutalidade dos policiais de Vargas e Garcez, lançam-se corajosamente à greve e manifestam seu protesto veemente contra a continuada e crescente carestia da vida, consequência direta da política de preparação para a guerra e de traição nacional do sr. Vargas e de todos os politiquês que o apoiam. As grandes greves de São Paulo que unificaram centenas de milhares de operários de diversos e importantes setores da produção — têxteis, metalúrgicos, marceneiros, vidreiros, gráficos, etc. revelaram o poderio crescente da classe operária em nosso país, abalaram as bases do atual Estado feudal-burguês. As grandes greves de São Paulo repercutiram pelo país inteiro, enchendo de alegria e esperança os corações de todos os trabalhadores, de todos os patriotas e democratas que sofrem com a atual situação catastrófica a que o sr. Vargas arrastou o Brasil e aspiram a um governo de paz, de liberdade e bem-estar para o povo. Para o proletariado de São Paulo em greve voltam-se milhões de brasileiros, porque só o proletariado consciente e organizado está em condições de conquistar para o povo uma liberdade verdadeira, está em condições de esmagar qualquer intenção de enganar o povo, de cercar os seus direitos, de convertê-lo em mero instrumento nas mãos dos latifundiários e grandes capitalistas vendidos aos imperialistas. As grandes greves de São Paulo revelaram o papel dirigente da classe operária, a sua imensa força unificadora, colocaram definitiva e praticamente a classe operária na sua justa posição de dirigente de todo o povo brasileiro em sua luta histórica



pela paz, as liberdades e a independência nacional. Desta posição nenhuma força a poderá mais arrancar. A classe operária levará o povo à vitória da revolução democrática e anti-imperialista que há de pôr abaixo as atuais classes dominantes e substituir o seu poder reacionário, guerreiro e de traição nacional por um governo efetivamente popular e democrático, um governo de paz, de liberdade e bem-estar para o povo, um governo que confisque as empresas imperialistas e entregue a terra aos camponeses, que defenda a independência e a soberania do Brasil.

Camaradas operários!

Somos imensamente mais poderosos que os assassinos que nos exploram e nos oprimem. Podemos vencê-los e, unidos e organizados, podemos impor aos governantes a nossa vontade de paz. Conosco está a maioria esmagadora da nação. Conosco estão todos os verdadeiros patriotas que querem a independência e o progresso do Brasil, estão as mães brasileiras que saberão defender a vida de seus filhos, está a juventude ameaçada de ir morrer nos campos de batalha para que enriqueçam os banqueiros internacionais e os fazendeiros e negociantes brasileiros. Conosco estão todos os que sofrem com a alta continuada dos preços de todos os artigos do consumo popular, trabalhadores e intelectuais pobres, os pequenos comerciantes e os pequenos produtores, os estudantes e as donas de casa. Conosco estão os industriais brasileiros que sofrem com a crescente concorrência dos imperialistas ianques, com a política reacionária de Banco do Brasil e com o racionamento da energia elétrica pela Light. Conosco estão os soldados, marinheiros e aviadores de nossas forças armadas, nossos filhos e irmãos, sempre prontos a defender a soberania da Pátria, mas que não se prestam a servir de vil instrumento para agredir outros povos, nem de janizares da reação, não atirarão contra o povo que luta por pão e liberdade, contra os camponeses que lutam pela terra ou contra os trabalhadores que lutam contra a crescente exploração patronal.

Trabalhadores!

O Partido Comunista do Brasil vos chama para um 1.º de Maio de lutas em defesa da paz, das liberdades, contra a carestia da vida. Não podemos ficar de braços cruzados diante da miséria e da fome que avassala todo o nosso país, desde os sertões do Nordeste até as grandes cidades do litoral. Aproveitemos este 1.º de Maio para intensificar a luta pelos nossos interesses vitais, contra a crescente exploração patronal e contra os salários de fome,

Camaradas trabalhadores!

Lutal pelas vossas reivindicações. Não vos deixeis enganar pelas promessas mentirosas de Vargas nem com a simples elevação de alguns cruzeiros em nossos salários que valem esses aumentos ridiculamente pequenos se o preço do feijão, do arroz, da banha, de todos os artigos de consumo popular, para não falarmos do aluguel de casa, dos remédios, da roupa ou do calçado, continuam subindo em proporções muitas vezes maiores? Exijamos maiores salários, utilizemos a arma da greve contra a crescente exploração patronal, mas saibamos simultaneamente levantar as demais forças populares para que junto conosco lutemos todos, unidos e organizados, contra a crescente carestia da vida. O povo unido e organizado tem forças para exigir medidas práticas contra a alta continuada dos preços. O povo unido e organizado pode pôr cêbro à rouboalheira dos tubarões amigos de Vargas. O povo unido e organizado pode exigir a rebaixa imediata e a efetiva fixação dos preços de todos os artigos de consumo popular. Tomemos a iniciativa de organizar nas fábricas e nos bairros comitês operários e comitês populares contra a carestia que tomem em suas mãos a defesa dos interesses do povo, que fixem efetivamente o preço do arroz e do feijão e de outros produtos indispensáveis ao povo, que organizem a venda direta dos mesmos à população trabalhadora, que fiscalizem os grandes armazéns onde os açambarcadores depositam e deixam apodrecer à espera de melhores preços os artigos indispensáveis à alimentação do povo

Trabalhadores!

Neste 1.º de Maio, o Partido Comunista do Brasil vos chama para a luta pela paz e a independência nacional. Devemos e podemos derrotar a política de guerra, de fome, de opressão policial do atual governo. E haveremos de levar nossa luta até o fim, até acabar para sempre com esse regime de exploração brutal e com os governos de fazendeiros e grandes capitalistas serviçais dos imperialistas americanos para substituí-los pelo governo do povo, um governo de democracia popular, que tire nossa pátria de campo da guerra e da reação para o campo da paz, da democracia e do socialismo.

Operários e operárias!

Vinde reforçar as fileiras ao Partido Comunista que é o vosso Partido. O Partido de Prestes é o lutador consequente pelos interesses da classe operária e o dirigente provado na luta contra o imperialismo, pela independência nacional, pela paz, pela democracia e o socialismo.

Cerrai fileiras em vossos sindicatos! Unificai vossa luta e vossas organizações em cada cidade, em cada Estado, no país inteiro!

Camaradas trabalhadores!

Avante para a luta e para a vitória! Gannemos as ruas e demonstremos que já tomamos em nossas mãos poderosas a grande causa da paz, a grande causa de nosso povo que não pode morrer de fome nem quer servir de carne de canhão para os banqueiros imperialistas!

Contra o «Acôrdio Militar» com os Estados Unidos, exijamos sua denúncia imediata. Nenhum soldado brasileiro para a Coreia! Fora com os generais e as tropas americanas do nosso solo!

Por um Pacto de Paz das cinco grandes potências! Pela paz imediata na Coreia!

Pelo aumento geral de salários e imediata elevação de cem por cento do salário mínimo oficial! Pela baixa imediata dos preços de todos os artigos de consumo popular, inclusive dos remédios, da roupa e do calçado para o povo! Cadeia para os estomeadores do povo!

Pela liberdade de todos os operários grevistas presos ou processados e de todos os presos e perseguidos políticos. Contra as novas leis fascistas! Abaixo o terror policial!

Por um Governo Democrático Popular! Viva a união de todos os brasileiros em ampla Frente Democrática de Libertação Nacional!

Viva a gloriosa União Soviética, baluarte da Paz no mundo inteiro! Jamais participaremos de uma guerra contra a Pátria do Socialismo!

Viva o proletariado brasileiro! Viva o seu Partido de vanguarda — o Partido Comunista do Brasil!

Viva a solidariedade internacional dos trabalhadores!

Rio, abril de 1953 — O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil.

**UMA GRANDE BATALHA,
UMA GRANDE VITÓRIA**

O RECRUTAMENTO STALIN NA GREVE

A grandiosa greve de trezentos mil trabalhadores paulistas, com uma duração de cerca de um mês, ergueu-se nas alturas do movimento operário em São Paulo e, conseqüentemente, no Brasil. Não se conhecia ainda, em nosso país, uma greve que reunisse, ao mesmo tempo, tão elevado número de operários, num só núcleo industrial, e mais concentrada, por sinal, de todo o Brasil.

No ônibus «Vila Divas», apinhado como de costume, um trabalhador lê o Manifesto do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil sobre a greve de S. Paulo. A certa altura vê contê-lo entusiasmo:

— Isso é que é. Fecharam o ônibus, mas a violência não adiantou. O Partido aí está cada vez mais forte. A direção sempre se manifesta, leva a luta para a frente...

A exclamação desatou o debate geral. Sim, é o único partido que aponta a greve, que ensina como vencer. É o partido dos operários, carne e sangue do proletariado. Para acabar com o Partido seria preciso acabar primeiro com os trabalhadores. E isso é impossível.

Durante a greve muitos dos melhores lutadores entraram para o PCB, atenderam ao apelo do RECRUTAMENTO STALIN.

RECRUTADO SOB AS BAIAS DA POLÍCIA

Na Praça da Sé ardia a chama da resistência popular. Um jovem operário improvisa um esconcho no meio da refrega com os bandidos policiais:

— Cachorros! E assim que respondem ao povo que luta contra a carestia!

Junto dele outro operário lhe falou: «É de mais e mais comunistas que precisamos. O que você está fazendo, dizendo a verdade, concitando o povo a lutar e acabar com esse regime de fome é o honroso trabalho dos comunistas».

O Partido ganhou mais um militante, em plena ação, em plena luta de rua.

A NECESSIDADE DO PARTIDO

A direção dum Comitê de Empresa convocou cinco operários dos mais destacados na luta grevista. Era uma prova de confiança, disseram-lhes os comunistas.

O Comitê discute a greve. Quando as tarefas surgem com clareza, verifica-se que os militantes vão ficar sobrecarregados. Mas isto não pode deixar de ser feito e tem que ser amanhã, diz um dos convidados. Resultado: os cinco entraram para o Partido. Era preciso aumentar e fortalecer suas fileiras.

QUEM UNIFICA OS EXPLORADOS?

Depois de discutir a situação, o metalúrgico disse ao seu camarada comunista:

— Agora é que estou vendo tudo. Os trabalhadores se organizam nos sindicatos. Os comunistas têm lá suas organizações. Assim é em toda parte. Mas quem unifica tudo isso, quem dirige essas lutas

é a carestia, não pode aumentar. Não adianta trocar um governo por outro, pois o mal está na raiz. E preciso um regime novo em que o governo seja do povo e não dos tubarões. Isso é que é democracia popular. Por isso é que luta o Partido.

A ordem do dia era de dois pontos. 1 — a situação dos operários da empresa em face da

A SEDE ESTÁ EM TODA PARTE

— Homem que não se vende e Prestes, disse o metalúrgico com o Manifesto do C. N. na mão. Gente de confiança mesmo, é quando sabemos que é comunista.

Explicou que não sabia a quem se dirigir, não sabia de nenhuma sede.

— A sede está onde nós estamos. A reação fechou as nossas sedes para impedir que os operários sejam organizados e esclarecidos. A sede é onde nós reunimos, nos nossos lares, na fábrica, numa rua, sob a sol ou a chuva.

ISSO É COMIGO

Os operários procuram o Partido, perguntam por Prestes, exigem orientação dos comunistas. Eis o que sucedem numa reunião:

— Escuta, o que é isso de recrutamento?

— É que o Partido está de portas abertas para os operários fiéis à sua classe.

— Isso é comigo, por isto esperava eu. Se o Partido está de portas abertas tens que me levar à próxima reunião.

A reunião era naquele mesmo dia.

REORGANIZA-SE O COMITÊ DE EMPRESA

Uma operária conta sobre as transformações de seu Comitê de Empresa:

— Eu nem era dirigente. Tínhamos um comitê que parecia muito bom. Mas a maioria sumiu com a greve. Como é que podíamos ficar assim? Em várias reuniões recrutamos mais de 90. Os novos companheiros, cheios de entusiasmo, recrutaram outros. Alguns já são membros do Comitê. Um deles fez uma distribuição de volantes com o Manifesto do C. N. numa assembleia. Alguém gritou que ali não era lugar para propaganda de partidos políticos. Ele respondeu: «Depende do Partido. Só este partido, o de Prestes, se manifesta a favor da greve porque é o nosso partido. Tudo o que é a favor da classe operária é bom. Tudo o que está a favor da greve é bom».

Os operários guardaram os volantes e muitos pediram mais para colar nos muros. Era a primeira tarefa, voluntariamente feita.



STALIN

todas ao mesmo tempo? Só pode ser o Partido Comunista. Camarada, não posso ficar fora desse partido.

O PARTIDO ORIENTA E ENSINA

Uma tecelã conta sua experiência:

— Fizemos uma assembleia com uns 50 trabalhadores para discutir um assunto da máxima importância. Então falei: vocês comentavam e queriam saber por que é que eu me empenhava tanto em organizar, discutir e levar todo o mundo para fazer alguma coisa pela vitória. Vocês achavam que as mulheres em geral não são assim tão ativas. Eu bem que sabia dos comentários. Agora digo tudo. Eu sou comunista, o Partido me orienta e me ensina o que fazer. O Partido vela pelos interesses dos trabalhadores em toda parte e em todas as circunstâncias. Neste regime que

greve e as tarefas do Partido. 2 — necessidade da formação do Comitê da Empresa para cumprir o primeiro ponto. E o Comitê foi formado.

A REBAIXA DE PREÇOS NA URSS

Um grupo de operárias reuniu-se para discutir na residência dum delas.

— Meu pai, disse uma, traz sempre a «Voz Operária». O que me impressionou no jornal foi ver que os preços baixam todos os anos na União Soviética. Aqui, quem falar contra a carestia vai até preso. Aqui, operário só por pedir aumento leva pata de cavalo por cima. A reunião terminou assim também aqui podemos ter um governo que rebaixe os preços. Sim, agora ventos e que é o Partido Comunista, o que significa Prestes para o povo. Tanto ouvimos falar neste Partido e só agora tivemos a felicidade de encontrar um partido

A IMPRENSA DOS PATRÕES

Em face da grande greve dos trabalhadores paulistas, aparece ainda mais claramente o papel anti-proletário, anti-democrático da imprensa capitalista.

Para essa imprensa, tudo antes estava azul. Que lhe importava a fome nos lares do povo? Que mal havia nos lucros máximos arrancados pelos industriais à miséria crescente da classe operária? A especulação? A carestia? Seus técnicos sustentavam que isso era um «fenômeno natural».

Agora, é como se o mundo viesse abaixo. Greve? Para os grandes jornais, a greve, reconhecida como um direito constitucional, é que representa uma calamidade.

Nessa posição, torcem os fatos, tentam enganar os grevistas, aplaudem as mistificações e as violências do governo. E nessa empreitada imunda se destacam sobretudo «Última Hora», órgão de Getúlio, e os pasquins do nauseabundo Chateaubriand. Na sua infame revista «Cruzeiro» um policial de nome Jorge Ferreira escarnece do povo, gozando os espancamentos e o sangue dos cidadãos deramado pelo cangaceiro Garcez na praça da Sé.

É mais uma lição para os trabalhadores: sabem onde estão seus inimigos, os jornais dos patrões.

A IMPRENSA DA GREVE

Os trabalhadores e o povo, entretanto, já têm a sua imprensa. Possuem jornais honestos e valentes, que defendem as causas justas, denunciam a ganância dos patrões, combatem a política de guerra do governo de Getúlio Vargas e Garcez, os planos de colonização dos imperialistas americanos, através de instrumentos cínicos da marca do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos.

São os jornais do proletariado e do povo, são os órgãos da imprensa democrática e popular que apoiam intransigentemente os operários em greve, protestam contra a violência da polícia, exigem medidas imediatas para

a rebaixa dos preços, levantam bem alto a bandeira da independência nacional contra os colonizadores ianques.

Com esses jornais, como a gloriosa «Classe Operária», «VOZ OPERÁRIA», «Imprensa Popular», «Notícias de Hoje», podem contar os trabalhadores e o povo. São jornais mantidos exclusivamente pelos trabalhadores e o povo, para a defesa de seus interesses imediatos e por conquistas democráticas e patrióticas ainda mais altas.

Os gráficos em greve proclamaram a necessidade de continuar circulando «Notícias de Hoje», o jornal da greve, título de honra que lhe conferiu o proletariado paulista.

A PRAÇA, A PRAÇA É DO POVO...



O povo de São Paulo infligiu exemplar derrota ao governo de Getúlio e Garcez na batalha campal que se desenrolou durante três dias seguidos na Praça da Sé.

Recorreu esse governo impopular à violência contra as liberdades democráticas, em vez de atender às justas reclamações das massas em face do desenfreado encarecimento da vida. Pau, em vez de pão, essa era a resposta a mais de cem mil manifestantes do dia 18 de março, da parte dos homens que no Catete e nos Campos Eliseos representam os tubarões dos lucros máximos, os especuladores e negociastas.

Tendo à frente numerosos dirigentes sindicais, elementos prestigiosos de organizações populares, culturais, femininas e estudantis, congregados na Comissão de Estudos Contra a Carestia, grande massa popular e proletária ganhara a

rua no desfile das panelas vazias. Era essa massa, com o apoio e a simpatia de toda a população paulistana, que se reunia de novo para saber de Garcez que destino fora dado ao memorial por ele recebido.

O governador ausentou-se estrategicamente da capital e ordenou a sua Gestapo que atacasse o povo com uma selvageria semelhante à dos tempos do Estado Novo. Enganou-se em seus cálculos, porque o povo não se dobrou à prepotência fascista.

Surpreendido pelo covarde ataque de uma polícia de can-gaceiros, o povo a enfrentou e resistiu. Foi uma luta em condições desiguais, a massa desarmada, de um lado, o governo, do outro, empregando tropa de cavalaria, gás lacrimogênio, mangueiras d'água, bombas estrepitosas para "efeito psicológico," fuzis e metralhadoras.

Entretanto, estribado em seu direito, o povo não cedeu o terreno. Com extraordinária combatividade em manifestações de ódio cada vez maior a seus algozes, a massa aperfeiçoou sua tática. Em negações, avanços e recuos, cedia aparentemente num ponto para voltar por outro e envolver os atacantes. Descobria-lhe os pontos fracos, desferindo golpes rápidos e conseguindo pôr fora de combate a vários elementos da reação. Foi assim que o povo se manteve na Praça da Sé tanto no primeiro co-

mo no segundo e no terceiro dias de refregas ininterruptas.

Os acontecimentos paralisavam a vida no centro da cidade, toda a população vivia intensamente aqueles acontecimentos, que repercutiam no interior do Estado e em todo o país. Cada hora de resistência agravava a desmoralização do governo. Desmascarava-se mais e mais em seu caráter ante-democrático a política dos demagogos "trabalhistas" e "populistas", na realidade

inimigos dos trabalhadores e do povo, instrumentos dos latifundiários e grileiros, dos açambarcadores, dos grandes industriais, dos trustes norte-americanos, de todos os responsáveis pela situação de descalabro administrativo e de crescente miséria a que foi arrastado o Brasil.

Impotente para esmagar o protesto do povo, temendo a agravação do conflito, quando elementos do Exército, aclamados pelo povo, tomavam o seu partido e enfrenta-

vam também a polícia, o governo de Garcez foi obrigado a bater em retirada. Recolheu seus bandos de facinoras. O povo então ficou senhor da praça, celebrando sua vitória em comícios e passeatas, com soldados do Exército à frente, por toda a parte central da cidade.

Esses acontecimentos refletem o ânimo combativo do povo. Mostram que com esse espírito de luta o povo logrará crescentes êxitos em sua campanha contra a carestia.

ASSIM FOI A PASSEATA DA LAPA

As cinco horas da madrugada, ainda escuro, o piquete de greve se aproximava do portão da Matarazzo Oleo, na Lapa. Já de longe eram vistas dentro da neblina matinal as sombras de soldados postos à disposição da empresa. Os policiais deviam ser três vezes mais numerosos que os cinco homens do piquete. Superioridade em número, além da superioridade em armas.

— Estão vendo? O governo atual é um governo dos patrões. Em vez de garantir o nosso direito de greve, guarnece as fábricas para intimidar o pessoal e proteger os «caranguejos». Quem falava assim era o chefe do piquete. Um jovem metalúrgico de 21 anos, José Sanches, ajudante de temperador de aço. Depois de examinar a situação, ele propôs:

— Vamos pedir reforço aos companheiros da Vidraria Santa Marina.

A experiência mostrava que a polícia não pode estar em toda parte quando a greve se alastra por tantas empresas. De fato, saíram andando, e ao passar pelo Cortume Franco-Brasileiro notaram que só havia ali uma «perua» da rádio-patrulha. Os trabalhadores do Cortume rodearam o piquete e ouviram com atenção o que lhes disse o orador.

— É isso mesmo! — apoiou um operário.

Os outros concordaram e ninguém entrou. O dia vinha clareando. O pessoal chegava em maior número. Perguntava-se que havia, os próprios companheiros da empresa explicavam, espalhados em vários grupos. Subia daquela atmosfera nevoenta um calor de vida democrática, operários discutindo seus direitos, aderindo livremente à greve. Os policiais nem se mexiam dentro da «perua». Não se animavam a enfrentar os operários, senhores da situação.

Depois de organizar outro piquete para garantir a greve no Cortume, o primitivo, engrossado por novos grevistas, seguiu adiante. A Santa Marina já estava parada. Chegaram a Goiana, no fim da avenida Pompéia. Quando o orador do piquete se dirigia às operárias, o porteiro aconselhou-as a não dar ouvidos, pois quem falava «devia ser um comunista». Uma das moças respondeu:

— Mas o que ele está dizendo é a pura verdade!

As demais aplaudiram, resolvendo não entrar. Havia muitas jovens, quase meninas, sem experiência de luta. Enchiam-se de entusiasmo, choravam de emoção ao sentirem a força da solidariedade proletária.

Deixaram mais um piquete na Goiana, e cerca de 200 moças foram à sede do Comitê Popular da Lapa, onde José Sanches lhe falou sobre a situação. Das 10 horas até o meio dia, o sol a pino, saiu o piquete com as operárias da Goiana, e fizeram parar diversas fábricas por toda a rua Guaicurus. Em passeata, a massa ia engrossando de fábrica para fábrica. Por volta das 12,30 já desfiliavam umas 500 pessoas.

Passaram novamente no Comitê Popular, onde grevistas e moradores do bairro organizavam a coleta de dinheiro e gêneros para as famílias dos grevistas. Começou a chover, mas ninguém desanimou. Uma das dirigentes do Comitê Popular se pôs à frente da passeata. Seu nome é Giselda Pereira, moça decidida de 19 anos.

Numa Malharia da rua Guaicurus Giselda revelou a massa sua coragem e seu tino. A portaria não deixava passar ninguém. Giselda avançou, conseguiu entrar só e lá dentro falou às operárias. Convidou-as a sair para a rua e resolver livremente se participariam ou não da greve. Saíram todas e aderiram em massa. De um bar alguém gritou: «Olha a cavalaria!» Giselda respondeu em tom firme:

— Não temos medo! O povo é mais forte que a cavalaria!

A massa delirou. Era grande o entusiasmo. As fábricas iam parando uma após outra. Grupos exclamavam em coro: «Abaixo

a carestia! Arroz a 8,00, feijão a 7,00 cruzeiros! Abaixo o Acôrdo Militar! Viva a paz! Viva o Brasil independente! Queremos mais um pedaço de pão!»

Uma grande marcenaria parou. Entre os marceneiros que se incorporaram à passeata destacava-se um homem alto e forte. Sobre o peito negro e musculoso, apenas um colete rasgado, os braços nus. Sua voz possante fazia-se ouvir de ponta a ponta:

— Vamos para a luta, companheiros! Unidos venceremos!

Na malharia Fuzati a situação se encrespou. Giselda quis entrar e foi barrada. Fecharam o portão. Não deixaram as operárias sair para atender aos apelos da massa na rua. Chamaram o DOPS pelo telefone. Giselda declarou que ali ninguém tinha medo e acenou para os companheiros:

— Sobem, turma!

O marceneiro forte avançou, avançaram José Sanches e seus camaradas do piquete, a massa subiu a escadaria correndo e gritando: «Para! Não para! Não para!»

E a massa respondia: «Para!» Meteram o ombro à folha do portão, que se abriu. As moças saíram e se abraçaram com as companheiras da empresa em greve.

Não tardou a chegar a rádio-patrulha. Algumas operárias se assustaram a princípio. Mas a passeata já contava umas 2.000 pessoas, que não se intimidavam, marchando firmemente.

A «perua» se limitou a acompanhar, guardando distância. Na fábrica Lamerino também encontraram resistência. Giselda entrou entretanto, e mandou sair as moças que estavam trabalhando. Descobriu que numa seção ainda se achavam fechadas a chave umas duzentas. Subiu a uma janela e denunciou o fato à massa. Começaram os protestos da rua: «Tem mais! Tem mais!» Até que a empresa deixou as operárias saírem.

A polícia apareceu a essa altura e começou a avançar especialmente o marceneiro negro. Ele se defendeu bravamente. Não deixou que lhe pusessem a mão em cima. A massa não consentiu que o prendessem. E os policiais bateram em retirada.

Erão 3 horas da tarde, muitas outras fábricas foram aderindo. Na esquina da rua Caetano com a Guaicurus, porém, a polícia armou uma cilada. Caiu brutalmente contra operários e operárias com carros de choque, cavalaria, soldados e guardas civis. Uma das vítimas especialmente visada foi o marceneiro negro. Espancados, os trabalhadores reagiam, travando luta desigual mas heroica. Algumas moças correram a refugiar-se no Comitê Popular. A polícia o invadiu, espancou e prendeu algumas pessoas que encontrou lá dentro, entre os quais o líder popular Antônio Donoso. A frente de numeroso grupo, Giselda e Sanches foram levar o protesto do povo trabalhador da Lapa à imprensa popular.

Na mesma noite se instalou um Q. G. dos grevistas no Cinema São Carlos, com uma faixa de nove metros. A polícia o fechou na manhã seguinte. Uma segunda sede foi aberta e logo fechada. Mas a terceira o povo a manteve.

A violência no fim da passeata só aumentou o ódio da massa contra o governo de Garcez, o cangaceiro. Foi mais um fato a comprovar o caráter patronal do governo de Getúlio Vargas, opressor dos trabalhadores, protetor dos tubarões dos lucros máximos. O balanço da jornada oferecia um saldo altamente positivo: o piquete iniciado com cinco operários às 5 da manhã, dirigido por dois jovens, conseguiu fazer parar mais de vinte fábricas da Lapa, entre grandes e pequenas, tornando-se às 3 da tarde uma passeata de 3.000 pessoas. A greve se estendia, ganhava o coração da massa trabalhadora.

UM DIA É DA CAÇA...



Osasco foi, dos bairros de São Paulo, que mais se destacaram na luta. As chaminés de suas fábricas não mais fumegavam, pois os operários estavam em greve. A ação dos piquetes era incessante.

Manhã do dia 13 de abril, dia aziago para a polícia... Na altura do quilômetro 17 da Estrada de Osasco, um piquete de grevistas foi atacado por um choque de soldados da Força Pública, quando procurava constatar se a direção da fábrica Cobrasma ali sediada, conseguira colocar alguma fura-greve dentro da em-

presa.

Os trabalhadores não se deixaram intimidar. Reagiram ao ataque utilizando pedras e porretes de pau, travando violenta luta contra seus agressores, os «cangaceiros» de Getúlio e Garcez como o povo os chamava. No decorrer desta, conseguiram desarmar os soldados, inflingindo-lhes uma merecida surra e deixando feridos alguns deles. Os trabalhadores repetiam depois o refrão popular: «um dia é da caça, outro do caçador»... No clichê um dos policiais fotografado já no hospital,

FARTURA, ONDE GOVERNA O POVO; MISÉRIA, ONDE DOMINAM OS TRUSTES

NO PAÍS DE STÁLIN

Os preços baixaram PELA SEXTA VEZI
Preços mais baixos, para uma grande quantidade de produtos de amplo consumo, passaram a vigorar na União Soviética a partir de 1º de abril deste ano. Esta nova rebaixa de preços é a sexta desde dezembro de 1947.



A cada rebaixa de preços — consequência da política de Paz da URSS — corresponde maior abundância nos lares dos trabalhadores soviéticos: mais carne, mais leite, mais pão...

A nova rebaixa de preços na URSS reduz o preço de mais de 200 artigos de grande consumo, pertencentes aos seguintes grupos de produtos: pão, farinhas e massas; arroz, leguminosas e concentrados alimentícios; cereais e forragens; carne e derivados; peixes e derivados; gorduras, ovos e frescos; batatas, hortaliças e frutas; açúcar e artigos de confeitaria; vodka, licores, vinhos e cervejas; confecções, malhas e artigos de chapalaria; artigos de armarinho; sabões, perfumes, cosméticos e cigarros; louça, porcelana e vidro; utensílios domésticos; automóveis, máquinas de lavar e outros aparelhos domésticos; materiais de construção; medicamentos e artigos sanitários e higiênicos; bicicletas, relógios e outros artigos industriais.

Essa rebaixa está ligada aos novos êxitos obtidos pela União Soviética, em 1952, no domínio do desenvolvimento da indústria e da agricultura, do aumento da produtividade do trabalho e da diminuição do preço de custo da produção.

Por que baixam os preços na Pátria dos Trabalhadores?

- 1 — PORQUE a Revolução de Outubro de 1917 pôs abaixo os exploradores e opressores do povo, destruiu seu governo, seu poder político, sua dominação. Em seu lugar surgiu o primeiro Estado dos Trabalhadores que já existiu no mundo. Na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas quem governa são os trabalhadores, os camponeses, o povo soviético.
- 2 — PORQUE, na União Soviética, liquidou-se com a exploração do homem pelo homem. Num país como o Brasil, dominado pelo imperialismo, tudo que é feito pelo governo e pelas classes dominantes tem por objetivo aumentar os lucros, aumentar a riqueza dos dominadores imperialistas e de seus sócios nacionais. Na União Soviética, ao contrário, tudo que se faz tem por objetivo satisfazer completamente as necessidades materiais e culturais dos trabalhadores, dos camponeses, dos intelectuais soviéticos, de toda a sociedade soviética que se libertou da exploração, onde os povos e os homens convivem na época em que haverá abundância de todos os produtos: O COMUNISMO.
- 3 — PORQUE a União Soviética realiza uma política de paz. Ela está inteiramente voltada para aumentar o bem-estar de seus povos e quer a felicidade de todos os povos do mundo. A União Soviética odia a guerra, luta incansavelmente pela paz aos povos e se dedica à construção pacífica. Em fevereiro de 1951, desastrosamente pela paz aos povos e então o 1º Ministro da Grã-Bretanha, que acusava a U.R.S.S. de realizar uma política de guerra, o grande e inesquecível Stálin de cicou:

«É compreensível que se a União Soviética não diminuiu, mas, ao contrário, desenvolve a indústria civil, não reduz, mas, ao contrário, amplia a construção de grandes centrais hidrelétricas e de sistemas de irrigação NÃO INTERROMPE, MAS, AO CONTRÁRIO, PROSEGUE NUMA POLÍTICA DE BAIXA DOS PREÇOS, ela não pode, ao mesmo tempo, ampliar a indústria de guerra e multiplicar suas forças armadas sem correr o risco de entrar em bancarrota.»

U.R.S.S.

Brasil



1947 - 1953		1947 - 1953	
porcentagem de BAIXA		porcentagem de ALTA	
38,8%	CAFÉ	321%	
57,5%	CARNE	316%	
55,0%	PÃO	183%	
39,2%	LEITE	23%	
48,5%	ARROZ	370%	
69,7%	BATATA	49%	
31,1%	AÇUCAR	78%	
36,1%	BANHA	231%	

NO BRASIL DOMINADO PELOS IANQUES



Esta família de mineiros de Cresciama é um exemplo do que se passa com os trabalhadores de nossa terra. Todos maltrapilhos, morando em casebres, muitos deles não conhecem o leite nem o pão...

Carestia insuportável

No Brasil de Getúlio o povo passa fome. Os preços dos gêneros essenciais à alimentação popular só fazem aumentar, tornando insuportável a situação de miséria da população trabalhadora. Somente no último ano, o preço do arroz subiu mais do dobro; o da cebola triplicou; o do feijão aumentou de 85%; o da farinha, subiu de 33%, isso sem falar na carne, no café e no leite, cujos aumentos estão registrados no quadro ao lado.

No Brasil de Getúlio os alimentos vão se tornando inacessíveis à maioria do povo. Os salários e ordenado, embora tenham sofrido um que outro aumento graças às lutas reivindicatórias das massas, nem de longe acompanham os aumentos vertiginosos dos preços.

Por que é tão miserável a situação do povo?

- 1 — O Brasil é dominado pelo imperialismo americano, que não está interessado no progresso e no bem-estar do nosso povo, mas na obtenção de lucros máximos a custa da exploração intensiva, e de saque de países atrasados como o Brasil. Segundo dados oficiais, 70% da indústria do Brasil se encontra sob controle do capital americano. Os trustes americanos dominam nosso comércio exterior. O café, nosso principal produto, está sob o domínio de firmas ianques. Os monopolistas norte-americanos controlam a produção e o comércio de algodão, de trigo, da borracha; controlam as minas e a pecuária, a energia elétrica e o transporte, o cacau e a cana-de-açúcar. Não há ramo importante de nossa economia que não esteja direta ou indiretamente sob a dependência dos grandes banqueiros de Wall Street.
- 2 — O governo de Getúlio faz a política de um punhado de latifundiários e grandes capitalistas, que se juntaram aos trustes ianques para explorar e sugar o sangue do povo brasileiro. Homens do governo — como João Neves — são empregados da Standard. O próprio Getúlio é um dos maiores latifundiários do Brasil. O governo garante a posse das melhores terras do país nas mãos de um grupo de «coronéis» atrasados e reacionários. Os camponeses — esmagados a maioria da população — estão sujeitos aos latifundiários, trabalham para eles como colonos ou parceiros, a maior parte não possui nem um pedaço de terra de sua propriedade. O governo só faz aquilo que traz benefícios aos latifundiários e aos negociantes ligados aos trustes ianques, pois representa seus interesses.
- 3 — O governo de Getúlio, por exigência de seus patrões, ianques, realiza uma política de guerra, o que agrava brutalmente a situação de miséria do povo. 31% do orçamento do país são dedicados a fins militares. Além disso, enormes verbas extraordinárias destinam-se a compras de aparelhos bélicos, como os aviões a jato comprados agora pela Aeronáutica, no valor de mais de 300 milhões de cruzeiros. Enquanto isso, apenas 10% do orçamento se destinam à educação e saúde.

O governo não se interessa pela produção destinada a alimentar a máquina de guerra norte-americana. Milhares de toneladas de areias monacíticas são embarcadas para os E.E.U.U. — de maneira ilegal e criminosa — para serem utilizadas na produção de bombas atômicas. Tudo o que serve para a guerra tem primazia. A produção destinada ao consumo é prejudicada, os preços sobem, não há transporte suficiente para os artigos essenciais à indústria nacional e ao abastecimento do povo.

Escravizado aos trustes ianques, o govêrno só recusa a ampliar o comércio do Brasil e não utiliza o grande mercado representado pelo URSS, a China e as novas democracias, e que muito poderia aliviar a situação difícil em que nos encontramos.

A recente situação é intolerável, tem que mudar. O atual governo não representa os interesses do povo, governa contra o povo. Queremos um novo governo, um governo como o que nos indica o grande líder do povo brasileiro, LUIZ CARLOS PRESTES: «um governo democrático-popular, que liberte o país do jugo imperialista, que confisque o capital e as empresas dos monopolistas ianques, que confisque a terra dos grandes proprietários e a distribua gratuitamente entre os camponeses, que liquide as sobrevivências feudais, que assegure a democracia para o povo e desloque o Brasil para o campo da paz, da democracia e do socialismo.»

Com um governo assim poderemos ter abundância, nos preços poderão baixar como na URSS, o povo terá liberdade e bem-estar, o país será libertado do atraso, da miséria e da ignorância.

Por esse governo lutaremos.

SE NO BRASIL OS PREÇOS BAIXASSEM COMO BAIXARAM NA U. R. S. S.

PRODUTOS	Preço em 1947 (preços do Rio)	Custaria Hoje	Em lugar do Preço Atual (Preços do Rio — abril de 1953)	Economia Realizada
1 quilo de CAFÉ que custava	Cr\$ 9,60	Cr\$ 5,90	Cr\$ 38,00	Cr\$ 32,10
1 quilo de CARNE que custava	» 6,00	» 2,60	» 25,00	» 22,40
1 quilo de PÃO que custava	» 2,70	» 1,20	» 3,00	» 6,80
1 litro de LEITE que custava	» 3,00	» 1,80	» 3,70	» 1,90
1 quilo de ARROZ que custava	» 3,80	» 2,00	» 17,00	» 15,00
1 quilo de BATATAS que custava	» 4,70	» 1,50	» 7,00	» 5,50
1 quilo de AÇUCAR que custava	» 3,20	» 2,20	» 5,70	» 2,50
1 quilo de BANHA que custava	» 9,20	» 5,90	» 30,00	» 24,10
	Cr\$ 42,20	Cr\$ 23,10	Cr\$ 134,40	Cr\$ 110,30

EM CADA CENTO E CINQUENTA CRUZEIROS SERIAM ECONOMIZADOS 123!

LUTEMOS POR UM GOVÊRNO DEMOCRÁTICO-POPULAR!

Falam os Líderes Grevistas



MARIA SALAS, líder textil — "A carestia tornou indispensável o aumento de salários. O proletariado, com todo o povo, continuará lutando para conseguir a rebaixa dos preços. Nesta luta também venceremos".

RAMONA PASTOR, líder textil — "A mulher operária teve papel destacado em todas as ações da greve, nos piquetes, nos bandos precatórios, em todas as comissões. Daqui por diante não arrefecerá nossa luta pelo pão e pela paz".



ANTONIO CHAMORRO, dirigente sindical — "Desfraldando a bandeira da greve os sindicatos cumpriram o seu dever e por isso se reforçaram. Concito a todos os trabalhadores a ingressar nos seus sindicatos para lutar por seus direitos".

ROCHA MENDES líder gráfico — "Nossa luta por aumento de salários põe em cheque a política de fome e de guerra do governo. Os operários são pela paz e exigem o fim da matança na Coréia".



JOSE FLORES, líder marceneiro — "O pacto inter-sindical demonstrou a maturidade política do proletariado de São Paulo que anseia pela unificação de suas forças. Tudo faremos para ampliar e reforçar esta unidade forjada na luta".

ANGELO NATALE, líder textil — "Aprovamos unanimemente em assembleia conjunta a moção contra o Acordo Militar porque ele atenta contra os direitos dos trabalhadores e entrega o Brasil aos americanos. Lutaremos até que seja rejeitado".



GISELDA PEREIRA, líder popular — "A greve demonstrou que os esfomeadores do povo pisoteiam as liberdades democráticas. O povo defendeu e defenderá estas liberdades, o direito de lutar por uma vida melhor".

JOSE SANCHES, líder operário — "Os jovens que sofrem especialmente da exploração patronal estiveram na vanguarda da luta. A greve foi uma escola para os jovens operários que continuarão lutando e se organizando para conquistar uma vida feliz".

A ASSEMBLEIA CONJUNTA DOS GREVISTAS APROVOU MOÇÃO CONTRA O ACORDO MILITAR COM OS E.E. UU.

Quando se realizava uma assembleia conjunta dos grevistas, o presidente da Comissão Central dos Tecelões, João Jerônimo, comunicou a seus companheiros que, no Senado, está para ser discutido no plenário proximamente, o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos.

O líder operário, analisando rapidamente alguns dos itens daquele infame documento de traição nacional, demonstrou claramente o que ele significaria caso fosse aprovado pelo Senado, principalmente para os trabalhadores.

Nós, operários, não queremos no Brasil regime de trabalho igual aos Estados Unidos, onde impera o chamado «Trabalho Livre». Este regime de «Trabalho Livre», previsto caso o Acordo

Militar com os Estados Unidos for aprovado, significará a perda do direito de férias remuneradas, de estabilidade, de greve, etc.

O orador explicou ainda que o Acordo prevê a ocupação militar ianque em nossa patria e afirmou que cabe aos trabalhadores impulsionar a luta por sua rejeição. Finalizando suas palavras João Jerônimo propôs que a assembleia enviasse uma moção ao Senado, protestando contra a assinatura do Acordo Militar com os Estados Unidos e pedindo sua rejeição.

A assembleia aprovou entusiasticamente a moção, o que reflete a elevada consciência política do proletariado em luta e sua decidida posição em defesa dos interesses nacionais.

CALIDA E AFETIVA SOLIDARIEDADE DO POVO

Desde o o seu início, conta a grande greve dos 300 mil trabalhadores paulistas com a solidariedade moral e material da classe operária e do povo, na capital e no interior de São Paulo, em todo o Brasil, bem como de entidades proletárias e culturais de âmbito mundial.

Mensagens de centenas de sindicatos, algumas acompanhadas de recursos financeiros, da U.G.T., da C.T.B., da Federação de Mulheres do Brasil, de organizações estudantis, de escritores e artistas, indicam um alto nível da solidariedade democrática em nosso país. Devemos destacar, ainda, os telegramas recebidos da União Internacional dos Trabalhadores Textéis e da Federação Sindical Mundial.

Sob o controle dos Q.G. das categorias profissionais em luta ou da comissão Inter-sindical, o movimento de solidariedade aos grevistas se desenvolveu e continua até agora a crescer.

Formam-se bandos precatórios de 18 a 20 operários e operárias, com bandeiras da Comissão Inter-sindical e percorrem os bairros, visitam casa por casa, promovem subscrições com listas carimbadas, por meio de bonus, angariando dinheiro e generos no comércio. Instalam-se mesinhas em vários pontos da cidade. As pessoas procura-

das e a massa popular nas ruas atendem pressurosamente aos apêlos, contribuem e manifestam sua entusiástica solidariedade.

A Federação de Mulheres de São Paulo proporcionou inestimável ajuda aos grevistas. Realizou por seus próprios meios a coleta de fundos e viveres, e, ainda, levou sua experiência ao Q. G. da greve e às assembleias, para a ampliação da campanha de finanças por toda a cidade. Devem os grevistas à Federação das Mulheres a iniciativa da instalação de cozinhas. Por proposta de sua delegada fraternal junto à assembleia dos textéis, a primeira cozinha foi improvisada numa vila próxima ao Q. G. dos textéis, com a doação de painéis e utensílios pelas famílias. A própria representante da F.M. e três grevistas puseram a cozinha em funcionamento. Ao ver como trabalhavam, praticamente ao relento, os grevistas levantaram a ideia da «campanha da madeira». Reuniram rapidamente o material e construíram o barracão. Vieram pintores da construção civil e pintaram as paredes, as mulheres embandeiraram o barracão, dando-lhe aspecto festivo. Não tardou a ser conseqüido um fogão de verdade, que substituiu o improvisado com tijolos.

Surgiram outras campanhas: a dos pratos, a dos talheres, a de um estoque de viveres. Nas lojas, nos armazens, nas casas particulares as comissões de ajuda são sempre bem recebidas. Mães de família, muitas das quais não sendo esposas de grevistas, repartem o que têm em casa: cebola, óleo, sal, batata, feijão, arroz, massas, até frutas e outros mantimentos.

Um ajudista cedeu sua casa para a Dispensa da Greve. Houve doativos individuais de um saco de feijão, meio saco de lentilhas, dezenas de quilos de varios generos.

O intenso trabalho da primeira cozinha — a dos textéis — obrigou a ampliação da turma de cozinheiras, que se reveza, e são associadas da Federação de Mulheres, operárias em greve e donas de casa da vizinhança e mesmo de ruas distantes.

Essa experiência foi aproveitada para a instalação da Cozinha dos Metalúrgicos, no Hipódromo, igualmente orientada e levada à pratica pela popular organização feminina de São Paulo.

Os bandos precatórios coletam dinheiro com muita facilidade. Um deles recolheu 1.400 cruzeiros em quatro horas de atividade. Outro chegou

a produzir 410 cruzeiros em apenas 40 minutos. Não podem fazer mais porque a policia do sr. Lucas Garcez está atacando sistematicamente os bandos precatórios, as mesinhas e outros meios de arrecadação de ajuda para os grevistas. E esse é mais um serviço do governo aos patrões. O «mediador» quer obrigar os operários a ceder pela fome em seus lares, atingindo às esposas e aos filhos.

Mas a arbitrariedade e parcial intervenção da policia não tem impedido que os bandos precatórios saiam à rua. Um deles, percorrendo a rua Piratininga, a avenida Rangel Pestana, a Praça da Sé, e a rua Direita coletou 3.000 cruzeiros. Do alto dos predios choveu dinheiro atirado à bandeira.

As mesinhas que mais rendem, no Largo de São Francisco, em outros pontos centrais e nos bairros, são aquelas onde os coletores explicam à massa os motivos da greve e a situação do povo em face da carestia.

Nenhum movimento grevista, como se vê, contou com tão viva simpatia do povo em geral. Essa simpatia revela que o povo compreende a justiça da causa do proletariado.

UM DOCUMENTO

atual e indispensável



PROBLEMAS ECONOMICOS DO SOCIALISMO na URSS

de J.V. Stálin



Chovia dinheiro dos edificios, e povo está com os grevistas.

FORA COM OS PELEGOS

A greve foi o enterro dos pelegos. Os gosadores e nabobos que vivem a custa do imposto sindical nas federações foram inteiramente desmoralizados. Ficou inteiramente desmascarado o pelego Taveira do Sindicato dos Vidreiros, bem como seu bando de policiais e traidores, com a nojenta entrevista concedida à imprensa burguesa em que repetiam como um realejo todas as calunias e mentiras dos patrões e da policia. O pelego Geraldo Marchelli ex-2.º secretario do Sindicato dos Tetexis foi expulso da assembleia pela massa indignada com suas tentativas torpes de torpedear a greve.

A luta grevista aguçou a vigilância da classe operária contra os agentes dos patrões. Não há mais lugar para eles dentro dos sindicatos.

A Greve Estourou Primeiro na Matarazzo Belenzinho

Na madrugada do dia 24 de março, às 4.30, os operários e operárias da Matarazzo Belenzinho interditaram o portão da fábrica. Vieram também operárias da segunda turma, que só entra ao meio dia, para participar da ação. A multidão engrossava de momento a momento.

— Não entra, não entra! — gritavam em coro no escuro da noite.

— Abaixo a carestia que aumenta dia a dia!

— Onde está o feijão? Na mão do tubarão!

Nós queremos se-senta! — bradavam compassadamente.

O coro proletário era convocação à luta para os companheiros, era grossa muralha em que esbarravam os fúrcos e agentes do patrão. O gerente, o salemão, general da banda quis furear a muralha. Os porreiros armados puxavam-no pelo braço, as operárias não largavam o paletó. O nariz vermelho do «general da banda» sangrava. Sangravam os arranhões do braço que aparecia sob o paletó estrangalhado. Um enorme galo cresceu-lhe na careca de tanto guardachuva que levou. Quando o portão se abriu o homem caiu dentro pelo seu próprio peso.

Chegou o choque policial chamado pelo diretor Morell. Os bandidos policiais começaram atirando uma bomba. Os operários se espalharam e a polícia avançou de casse-tête. Mas os grevistas se reagruparam. Veio então um carro dos bombeiros. Sob o impacto da esguicho uma operária gravida caiu. Os tiros avançaram e crissaram seu ventre de ponta-pés. Como nada disso adiantasse a polícia chamou seu fiel servidor, o deputado Araripe Serpa, do PTB, o homem de Janio Quadros.

— Voltem ao trabalho, isto não resolve, o sindicato ainda não resolveu nada, isso é coisa dos comunistas para impedir a posse de Janio, nossa democracia está por um fio — ladrava Araripe Serpa.

— Que democracia é essa de vocês? Mande a polícia embora. Vai embora, não tens nada que fazer aqui não és operário.

As 8 horas a rua ficou deserta. Mas às 11.30 os operários voltaram, ocuparam a rua para impedir fúrcos na segunda turma. As 13 horas, os trabalhadores ocuparam o refectório da fábrica para fazer uma assembleia e reorganizar suas forças de combate.

DEBATE-RELAMPAGO JUNTO AO TEAR

O êxito das ações do dia 24 não caiu do céu, não chegou de repente. Desde princípio de março vinham se realizando assembleias da empresa no sindicato. A comissão que era

de seis passou a ter 28 membros atingindo maior número de seções, reforçando-se com mais elementos combativos. E no interior da empresa, no local de trabalho, que a comissão desenvolve sua principal atividade. Um operário larga o serviço e vai de tear em tear de máquina, avisando:

— Dia 15, às 9 horas da manhã, todos ao sindicato para discutir o aumento de salário e a rebaixa dos preços.

Algumas vezes, sala de debate, rápido e incisivo:

— Isso não vai adiantar...

— Não adianta, éinh, mas no dia 18, foi o Garcez que fugiu do povo.

DEBATE DOS VOLANTES

Entre as 11.30 e o meio dia, na hora do almoço e quando começa a chegar a segunda turma, formam-se naturalmente as rodas de operários. A comissão dá o tema da palestra. Debate-se os volantes contra a carestia.

— O culpado de tudo isso é Getúlio, é Garcez. Essa situação não pode continuar, tem que quebrar o pau.

— Não adianta. Vem o aumento e depois o custo da vida sobe.

— Mas nós vamos à greve não é só pelo aumento é também pela diminuição do custo da vida.

— Quando é que sai a greve?

— Segunda ou terça...

O «PASSA-PASSA»

O «passa-passa» é o telegrafo interno da fábrica, é o meio mais veloz de transmitir a todos a palavra de ordem. Num pedaço de papel está escrito: «Hoje às 20 horas — Todos ao sindicato para tratar do aumento de salário. Abaixo a carestia. Leia e passe adiante».

Os «passa-passa» corriam a fábrica de ponta a ponta. Os operários faziam cópias por conta própria e aumentavam sua circulação.

MAIS E MAIS REUNIOES

Grupos de operários não organizados eram convocados para reuniões em que debatiam a reivindicação dos 60% e da rebaixa dos preços, onde denunciavam a responsabilidade do governo pelos sofrimentos do povo. Numa dessas reuniões os operários fizeram um minuto de silêncio em homenagem a Stalin. Vinte jovens operários reuniram-se para discutir a paralisação da fábrica, o que dizer aos operários que fazer no dia da greve e na hora da paralisação, como agir para manter a greve e levá-la à vitória.

Todo o mundo queria a greve para segunda-feira. Muitas operárias chegaram a condenar a comissão. Elas não tinham levado a eventual nem lanche e a greve não saiu...

A CARTA MARCADA DE MATARAZZO

Por causa do racionamento só se trabalhava sete horas. Corte nos salários, portanto. Para «compensar» Matarazzo manobrou com um aumento de 10%. Pagou em fevereiro, mês curto e do carnaval. Os 10% eram a carta marcada no jogo de Matarazzo. Quando se reclamava contra o racionamento, dizia: «Dei os 10% por causa disso».

Quando se exigia aumento de salário, dizia: «Já dei os 10%. Depois desconto do que foi conquistado pelos textéis». Lavrou a indignação. Os operários queriam aumento e não esmola.

Depois das ações do dia 24, dois operários conversavam no sindicato:

— Por que será que a polícia só nos atacou a nós e não tocou nos companheiros do Cottonificio Paulista; que pararam minutos depois?

— É porque somos a fábrica-piloto, somos uma concentração de 5.000, companheiro. Se os 800 do Cottonificio pararam a repercussão e a influência nem se compara com as consequências da nossa greve. O inimigo sabe disso. A luta se decide é nas grandes empresas que arrastam as outras. É por isso que devemos concentrar nosso esforço nas grandes empresas.



MOBILIZAÇÃO PARA A LUTA

Texteis, metalúrgicos, marceneiros, vidreiros e gráficos, uma a uma, estas importantes corporações operárias entraram em greve, a partir do dia 24 de março. Como nasceu este vigoroso movimento grevista que englobou mais de 250.000 trabalhadores, durante já cerca de um mês e alastrando-se para algumas cidades do interior de São Paulo?

Desde o começo do ano, diante da carestia da vida os operários realizaram assembleias sindicais a fim de exigir aumento de salários. Eleita uma comissão de salários para cada setor profissional, foi estabelecida uma tabela de aumento: 60% para os texteis e 800 cruzeiros para os metalúrgicos.

Os patrões, que tomam conhecimento das reivindicações

através de ofícios e da realização de mesas-redondas com os operários, negam-se a fazer qualquer aumento, mostram-se intransigentes.

Em março, diante da persistente falta de resposta dos patrões, de suas manobras enganadoras, os operários resolveram apresentar memoriais através de passeatas. Os textéis, em numero de 10.000, com faixas e cartazes, inclusive contra o Acordo Militar, realizam uma imponente passeata.

Nem assim cedem os patrões na sua arrogância e ne seu objetivo de lucros máximos. O único recurso: GREVE!

Os operários da SAMS descontentes com a manobra de Departamento Regional de Trabalho e dos patrões que haviam adiado para o dia 22 de março uma assembleia do sindicato marcada para o dia 15, resolveram no dia 16 fazer uma greve de protesto e de advertência. Um novo adiamento para o dia 25 indignou os operários e exgota a sua paciência. A faixa da greve irrompe na Matarazzo Belenzinho, alastrando-se para numerosas fábricas vizinhas. Começara o vasto movimento: é maior da história do Brasil. No dia 25, na assembleia dos textéis, foi decretada a greve para todos os operários da indústria.

Os operários metalúrgicos, no mesmo dia resolveram também declarar-se em greve e marcham em passeata para a sede do sindicato dos textéis. Seguem-se os marceneiros que recebem entusiasmados em sua assembleia uma delegação de grevistas textéis.

Os operários vidreiros, diante da força do movimento, apesar da oposição dos diretores do sindicato, aderem à greve. Os gráficos, também se declaram em greve.

Um pacto inter-sindical com as diferentes corporações de operários em greve, estabelecendo que não aceitariam nenhum acordo em separado. A greve é a arma dos trabalhadores.

SALARIO É COM O PATRÃO, CARESTIA É COM O GOVERNO!



CRÔNICA INTERNACIONAL

PERSPECTIVAS DE PAZ NA CORÉIA

Em todos os países do mundo as manchetes festejaram a notícia alvicerária do início da troca de prisioneiros na Coréia. O clamor que se fazia ouvir incessantemente e que continua exigindo o fim da matança logrou alcançar um primeiro e significativo êxito. A libertação dos prisioneiros enfermos, que vão receber não só o tratamento adequado mas também o carinho de suas famílias, é o primeiro passo para a solução completa do problema dos prisioneiros. Agora os povos insistem: Avancem mais no caminho da paz, resolva logo a questão dos demais prisioneiros, cessai as hostilidades.

Como se sabe, nas longas conversações para o estabelecimento do armistício celebradas na tenda de Pan Mun Jon, já foi conseguido acordo completo a respeito de todos os pontos menos sobre o problema dos prisioneiros. Dando provas de sua inalterável fidelidade à causa da paz, os negociadores da República Popular Democrática da Coréia e dos bravos voluntários chineses fizeram numero-

sas concessões e transigências com o fim de alcançar o mais breve possível a cessação das hostilidades. Aquelas negociações foram interrompidas abruptamente pelos americanos, deixando sem resposta varias e importantes propostas.

Mas, afinal de contas tiveram que tornar a Pan Mun Jon. Isto, evidentemente abre as portas para uma ampliação da iniciativa, de modo a resolver totalmente a questão dos prisioneiros, a única que falta resolver para a assinatura do armistício.

A histórica declaração de Chu En Lai primeiro ministro e ministro do exterior da República Popular da China vem ao encontro das aspirações de paz dos povos de todo o mundo. Em nome de seu governo e de comum acordo com o governo da República

Democrática Popular da Coréia e no interesse da paz mundial, Chu En Lai propoz o reinício imediato das negociações de armistício, comprometendo-se ambas as partes a repatriar imediatamente depois da cessação das hostilidades todos os prisioneiros de guerra que guardam e que querem ser repatriados e a entregar os outros prisioneiros à custódia de um Estado neutro.

A proposta sino-coreana coincide com o ponto em que os americanos e seus associados ficaram pé até hoje — o chamado repatriamento voluntário. Não lhes sobra, portanto, nenhuma alegação se de fato aspiram honradamente a paz. A declaração de Chu En Lai assinala destacadamente que essa proposta não significa o abandono do princípio da libertação e repatriação dos prisioneiros

logo após o cessar-fogo. Os sino-coreanos permanecem fieis ao que estabelece a Convenção de Genebra.

Essa proposta foi feita «unicamente, como disse Chu En Lai, porque a cessação da guerra sangrenta na Coréia e a solução pacífica da questão coreana estão ligadas à questão da paz e da segurança dos povos do Extremo Oriente e do mundo».

A proposta do reinício das conversações de armistício foi aceita e já foi marcada uma data para a reabertura do debate. A circunstancia de já ter sido iniciada a troca de prisioneiros enfermos criou um ambiente de otimismo em torno das possibilidades de paz próxima para a Coréia, o que aliviaria consideravelmente a tensão internacional, demonstrando na pratica a possibilidade de acordo ainda mais amplo, abrindo caminho para que afinal seja feito o Pacto de Paz entre as cinco grandes potencias, condição fundamental para evitar um novo banho de sangue na humanidade.

Num momento de grandes lutas

Transcorrerá o Dia Internacional do Proletariado

CENTENAS DE MILHARES DE TRABALHADORES EM TODO O BRASIL MOVIMENTAM-SE CONTRA A CARESTIA E OS SALÁRIOS DE FOME — UNEM-SE OS TRABALHADORES E REFORÇAM OS SINDICATOS PARA A DERROTA DOS INIMIGOS DO MOVIMENTO SINDICAL BRASILEIRO — UNIDADE NA LUTA PELA PAZ — INSTALA-SE, NO RIO, O I CONGRESSO REGIONAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL, COMO PARTE DAS COMEMORAÇÕES DE PRIMEIRO DE MAIO

Aprestam-se os trabalhadores brasileiros para comemorar com entusiasmo o Primeiro de Maio — data internacional do proletariado. De norte a sul do país, ergue-se neste momento a classe operária para o combate sem tréguas à carestia, aos salários de fome, ao terror policial desencadeado pelo governo de Getúlio. Lutam os têxteis do Distrito Federal, Pernambuco e Paraíba; os portuários do Rio, os médicos, funcionários públicos, os mineiros, os trabalhadores do Rio Grande. E a poderosa greve dos 250 mil trabalhadores paulistas, exemplo de

combatividade para todos os brasileiros, que apavora as classes dominantes.

É nesse ambiente de grandes lutas que veremos transcórrer o glorioso dia dos trabalhadores. O Primeiro de Maio será comemorado sob o lema de «Unidade e Solidariedade entre os trabalhadores do mundo inteiro», com o espírito de estreitar mais ainda a unidade da classe operária.

I CONGRESSO REGIONAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL

Grandes festividades estão programadas. Cumpre destacar a iniciativa dos trabalhadores do Distrito Federal que vão instalar o 1º Con-

gresso Regional de Previdência Social que contará com a participação de inúmeros sindicatos e demais organizações. Todo o esforço está sendo concentrado nesse importante congresso que terá o apoio de cinco Federações, dentre as quais a Federação Nacional dos Estivadores, a do Vestuário e a do Mobiliário e Construção Civil.

Entretanto, outros atos serão realizados não só no dia como antecedendo o 1º de Maio. Conferências e palestras, inclusive a realização de uma discussão na Rádio Nacional, no programa «Cartas na Mesa», sobre o importante Congresso.

A Comissão de luta contra a carestia está mobilizando todo o povo carioca para ir em massa fazer entrega de um memorial à Getúlio, exigindo rebaixa dos preços e outras medidas que visem atenuar a carestia.

NAS RUAS E NOS SINDICATOS

As lutas do proletariado têm reforçado os sindicatos. Foi o que aconteceu durante as greves do Recife, Distrito Federal e, agora em São Paulo. Dos sindicatos mirrados que eram, onde compareciam dezenas, hoje milhares de novos sindicalizados neles ingressam fazendo crescer a sua importância. Grandes assembleias são realizadas. Pois bem, o Primeiro de Maio será comemorado por todos esses trabalhadores, com a realização de atos internos e, também com passeatas nas ruas.

A Comissão intersindical de S. Paulo (em greve), aprovou em grande assembleia conjunta de 6 mil operários — vidreiros, marceneiros, metalúrgicos e têxteis — a convo-



cação dos demais sindicatos e trabalhadores para comemorar a grande data, à altura das tradições de luta do proletariado paulista. Constituirão vibrantes manifestações de unidade e de decisão dos trabalhadores na luta por uma vida mais humana.

COMBATER OS INIMIGOS DA CLASSE OPERÁRIA

O proletariado, ao comemorar esse glorioso Primeiro de

Maio, cerra mais e mais suas fileiras, estreita sua unidade nos sindicatos e nas empresas no sentido de derrotar as investidas patronais e do governo de Getúlio. O proletariado une-se cada vez mais na ação comum e decisiva contra os que exploram e burlam os seus direitos, contra os que querem matá-lo à fome. Os trabalhadores, nesse Primeiro de Maio tomam a deci-

são de derrotar os agentes de CIOSL e da ORIT que procuram destruir o movimento sindical brasileiro e a unidade de ação dos trabalhadores que lutam por suas reivindicações. O proletariado une-se na luta pela Paz e contra as pretensões do imperialismo norte-americano que visa escravizar nossa Pátria e fazer de nossos jovens carne para canhão.

7 dias no Brasil

15 — Declaram-se em greve os gráficos de São Paulo. Exigem 1.000 cruzeiros de aumento para os adultos e 500 para os menores.

— Invadida e depredada a rossa sucursal na Bahia. Os policiais de Regis Pacheco invadiram também a residência do jornalista Arivaldo de Matos e prenderam o jornalista Altamirando Marques, gerente da sucursal. Mais de 20 pessoas foram lançadas ao cárcere por lutarem contra o Acórdo Militar e a «Petrobrás».

16 — Discute-se na Câmara Federal a troca de algodão por aviões a jato. O prejuízo do Brasil será de 100 milhões de cruzeiros, pois o Ministério da Aeronáutica, que efetua a troca, vendeu o algodão à Inglaterra por preço muito inferior ao que comprou. Para o povo o prejuízo é total: Precisamos de alimentos e não aviões de guerra.

— Entregue ao Senado memorial com milhares de assinaturas contra o Acórdo Militar por uma Comissão composta de altas patentes do Exército, deputados e outras personalidades.

17 — Após 5 dias de greve de fome, o Major Júlio Sérgio de Oliveira conseguiu sua transferência do Regimento Andrade Neves onde estava sujeito a maus tratos indignos.

— O SAPS anuncia que a partir de 1º de maio passará a fornecer carne de coelho aos seus restaurantes e, posteriormente às donas de casa. É uma das soluções do tubarão Vargas. Exporta o gado de suas invernadas para os americanos e obriga os brasileiros a comer carne de bicho do mato.

— No Senado, empenham-se os traidores no afã de aprovar com urgência o projeto da «Petrobrás». Muitos deles exigem mais liberdade ainda para a entrega do petróleo aos trustes, como Chatô e outros lacaios lanques.

18 — Demite-se o General Anápio Gomes, presidente interino do Banco do Brasil. Sua demissão está ligada ao escândalo, empréstimo de 300 milhões de dólares contraído pelo governo de Getúlio nos Estados Unidos, após o sequestro de nosso ouro pelos banqueiros lanques.

19 — Comício em Porto Alegre, promovido pela Frente Inter-Sindical contra a Carestia, de solidariedade ao valeroso povo paulista.

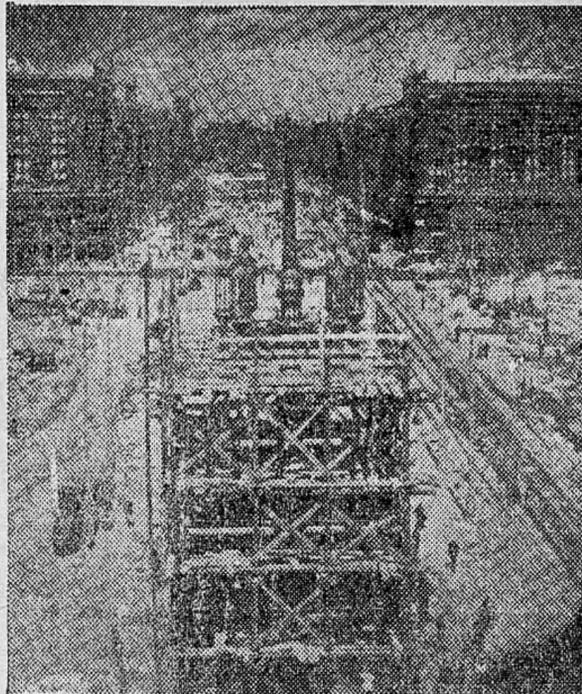
— Homenagem a Stálin. No Distrito Federal realizam-se atos em honra ao grande mestre, na intimidade dos lares.

20 — Dia Nacional de Protesto contra o aumento dos preços escolares. Manifestações em vários Estados. Comissão de estudantes entrega à Câmara Federal um memorial com milhares de assinaturas.

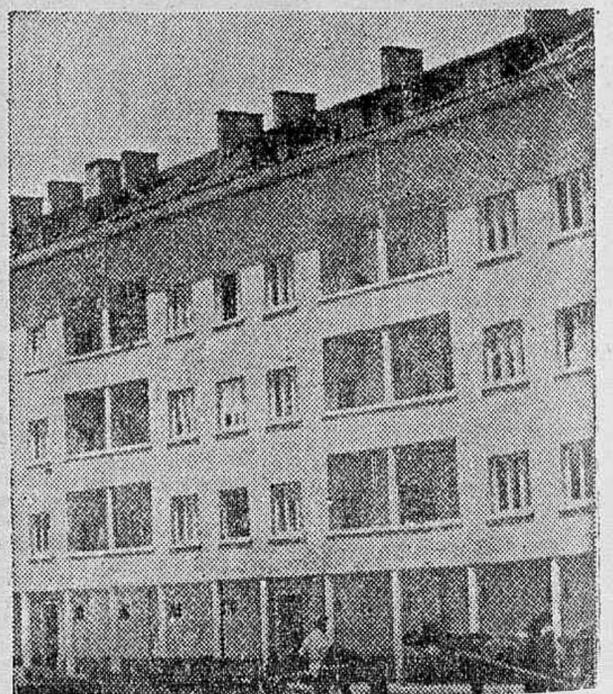
— O «Acórdo Militar» marcha no Senado a toque de caixa, empurrado pelos traidores da nação. Aprovado nas Comissões de Finanças e de Forças Armadas. Alberto Pasqualini, embora achando-o prejudicial, não se envergonhou em declarar que não votava contra ele para não ser hostil aos Estados Unidos.

21 — Data de Tiradentes. Empolgante ato na ABI, comemorativo do 5º aniversário do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, contra o Acórdo Militar e o Projeto da «Petrobrás». Falaram o general Felcíssimo Cardoso, o professor Carneiro Leão, o vereador carioca Henrique Miranda e o general Artur Carnauba.

As construções de paz nos países da Democracia Popular



Varsóvia cresce a passos de gigante. Das ruínas deixadas pela guerra surge a grande Capital da Polónia de hoje. O povo está no Poder e, por isso reconstrói a sua histórica Metrópole numa demonstração de que trabalha pela Paz. Não deseja mais guerra.



Edifício de apartamentos de uma vila operária em Sofia, capital da Bulgária. Centenas de construções como essas são levantadas ininterruptamente pelo Governo Democrático Popular visando o crescente bem-estar dos trabalhadores búlgaros.

Como Trabalhar Com o Informe de Prestes

O informe apresentado pelo camarada Luiz Carlos Prestes à última reunião do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil — O XIX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E AS TAREFAS DO NOSSO PARTIDO — é um documento de mais alta importância. A genial aplicação que nêle o camarada Prestes fez, à situação nacional, dos mais recentes ensinamentos do camarada Stálin e das lições magistrais do XIX Congresso do P. C. da União Soviética fazem desse informe uma arma poderosa para as lutas do nosso povo pela paz, as liberdades democráticas e a independência nacional. Trata-se de um documento criador, e não de uma simples exposição da situação brasileira e das nossas tarefas. Os comunistas sentem-se felizes e honrados ao receber das mãos do Secretário Geral do nosso Partido essa extraordinária contribuição para o aprofundamento das lutas do nosso povo e hão de trabalhar com êle de maneira a fazer com que produza o máximo de frutos.



1 - Estudar cuidadosamente o Informe

Esta é a primeira coisa a fazer com o informe. Lê-lo e relê-lo, estudá-lo cuidadosamente. Não é possível absorver todos os seus profundos ensinamentos apenas ouvindo-o uma vez, ou fazendo uma leitura corrida do informe. É necessário lê-lo com cuidado, assinalando suas partes essenciais — suas teses — acompanhando sua fundamentação. É importante destacar o que é novo no informe. É preciso pôr em evidência as tarefas por ele traçadas. E tudo isso deve ser feito procurando-se descobrir que relação há entre o informe e as nossas tarefas individuais, o que significa o informe para a frente de trabalho em que atuamos.



Mas o ESTUDO INDIVIDUAL é apenas uma maneira de procurar absorver os ensinamentos do informe. Devemos também estudá-lo coletivamente, nos organismos e círculos de estudo,

procurando aprofundar nossa própria compreensão de todo o informe e ajudando nossos companheiros a aprofundá-la.

Para o estudo, tanto individual quanto coletivo, do informe do camarada Prestes, é preciso ter sempre presentes os materiais do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

3 - Aplicar o Informe

Mas, trabalhar com o informe é também aplicá-lo, é transformar em realidade sua orientação a respeito da luta pela paz, pelas liberdades democráticas e pela independência nacional, é saber explicar às massas a necessidade de um governo democrático popular, é tomar as medidas adequadas para o reforçamento do Partido. É, numa palavra, lutar pela realização das grandes tarefas políticas e de organização traçadas no informe.

Trabalhar com o informe é cada comunista analisar auto criticamente sua atividade, à luz dos ensinamentos do informe, é orientar todo o seu trabalho à luz das lições preciosas de Prestes.

“É nosso dever dedicar todas as forças de nosso partido à luta pela salvação da Paz...”

“É nosso dever lutar com decisão e energia pelas liberdades democráticas burguesas...”

“É nosso dever erguer bem alto a bandeira da independência e da soberania nacional.”

“É nosso dever, portanto, não poupar esforços para unir em torno da classe operária, em poderosa Frente Democrática de Libertação Nacional, todas as forças sadias da nação”.

(Do informe de Prestes do Pleno do C. N. do P. C. B.)

2 - Divulgar o Informe

Outra tarefa imediata: divulgar o informe. Divulgá-lo da maneira mais ampla, dentro e fora do Partido. Fazer com que os exemplares dos jornais e dos folhetos contendo o informe do camarada Prestes atinjam todas as pessoas com quem, direta ou indiretamente, temos qualquer relação política; planificar detalhadamente sua entrega aos companheiros de trabalho, nas fábricas e empresas, etc. Apesar de sua enorme importância, apesar da profundidade das idéias que ali estão expostas, o informe pode ser facilmente compreendido por todos os operários honestos, por todos os brasileiros que desejam modificar a atual ordem de coisas.

VOLANTES — O informe deve ser divulgado, também, pelos seus trechos essenciais. A edição de volantes contendo trechos do informe contribui para chamar a atenção para o documento e ao mesmo tempo leva algumas de suas idéias essenciais a mais amplas massas.

DEBATES — O informe deve ser divulgado oralmente. Os militantes do Partido precisam assimilar suas idéias essenciais para levá-las, através de palestras, discussões, etc. às grandes massas. Isso é importante dentro e fora do Partido. Nas empresas, a programação de uma série de palestras com os operários, em que sejam lidos alguns trechos do informe, para serem em seguida explicados e debatidos, é de maior importância. Mas, onde a divulgação oral do informe se faz mais importante é no trabalho com os camponeses. Essa é a forma básica de levar suas idéias fundamentais aos trabalhadores do campo.

Além destas, muitas outras formas podem ser utilizadas para a divulgação do informe; cada comunista, cada organismo do Partido, deve dar provas do máximo de iniciativa na difusão do informe do camarada Prestes.

«Mostremos por isso às massas, infatigavelmente, que enquanto o poder estiver nas mãos dos latifundiários e grandes capitalistas serviais do imperialismo as liberdades estarão sempre ameaçadas, que só um novo governo efetivamente do povo, que liberte o país do jugo imperialista, que entregue a terra gratuitamente aos camponeses, que desloque o Brasil do campo da guerra para o campo da paz garantirá definitivamente a democracia para o povo e assegurará o progresso de nossa pátria e o bem estar para os trabalhadores.»

(Do informe de Prestes ao Pleno do C. N. do P. C. B.)

“Fazer crescer numericamente o nosso Partido e simultaneamente desencadear uma verdadeira batalha com o fim de elevar o nível ideológico de seus militantes e o nível teórico de seus quadros dirigentes, tais são, no momento que atravessamos, as tarefas fundamentais, as questões agudas que precisamos enfrentar e resolver com êxito para nos colocarmos á altura dos acontecimentos e para que possamos em seguida enfrentar os numerosos outros problemas importantíssimos que ainda não fomos capazes de resolver.” (Do informe de Prestes ao Pleno do CN do PCB)

LEVANTEMOS AS MASSAS CONTRA A CARESTIA

O empolgante movimento grevista de São Paulo constitui um episódio, dentro da luta geral do proletariado e do povo contra a carestia. Episódio formidável, que ensina a todos o justo caminho para as conquistas imediatas e para outras conquistas mais altas ainda. Mas de efeitos limitados e, mesmo, transitórios, se dele não partirmos para novas e mais amplas vitórias contra a carestia, contra a ganância dos tubarões dos lucros máximos e da especulação.

Muito vêm aprendendo a classe operária e o povo no decorrer desta batalha dos 300 mil grevistas. Resta que a grande experiência conduzida à extensão e ao fortalecimento da luta contra a carestia, o êxito das lutas populares, neste momento, pela solução dos problemas vitais de nossa pátria. A ação organizada do povo contra a carestia pode vir a ser um movimento de grande envergadura.

A luta contra a carestia se faz através dos movimentos reivindicatórios da classe operária por aumento de salário, das reclamações dos funcionários estatais e para-estatais, dos empregados de escritório e comerciais, dos peões e camaradas, dos trabalhadores agrícolas, e, ainda, através de manifestações contra a corrida dos preços, pelo barateamento imediato de gêneros de primeira necessidade, por medidas que favoreçam os pequenos produtores e facilitem o comércio, livre de atravessadores e açambarcadores, contra a política de guerra e colonização que sacrifica o bem-estar do povo, o progresso e a própria independência nacional. E' na ação prática que os trabalhadores e o povo irão comprovar o papel do governo de Getúlio Vargas, filho de tubarões e negociistas, a serviço dos planos de guerra e dominação de nossa pátria pelo imperialismo americano.

Essa luta requer a organização de Comissões Centrais contra a Carestia, comissões de bairros e empresas. Exige a mobilização das forças sindicais, das grandes massas proletárias, das entidades femininas e juvenis, das associações populares e culturais. Por meio de assembleias, comícios, passeatas, as organizações democráticas podem começar a tomar medidas imediatas contra a carestia, exigir a rebaixa e a fixação de preços, controlar pelos sindicatos e Comissões Populares o respeito ao tabelamento, localizar os estoques retidos dos gêneros, impedir a exportação de artigos de consumo.

Em seu recente informe na reunião plenária do Comitê Nacional Partido Comunista, ensina Luiz Carlos Prestes:

«A luta concreta contra a carestia da vida, pelas reivindicações mais sentidas das grandes massas populares, especialmente das grandes cidades, assim como a luta em defesa da vida das populações nordestinas assoladas pela seca, devem constituir preocupação imediata de todas as organizações de nosso Partido, porque através delas mais rapidamente poderemos avançar no caminho da unidade do povo trabalhador, das mulheres e dos jovens, através delas mais rapidamente desmascaramos a política de traição nacional, de preparação para a guerra, de fome e reação do governo de Vargas e ganharemos as grandes massas para a luta pelo novo poder democrático e popular.»

Este, pois, é o caminho da luta: esclarecer e organizar o povo em ação contra a carestia.

transito mas para sair da fábrica e desaparecer...

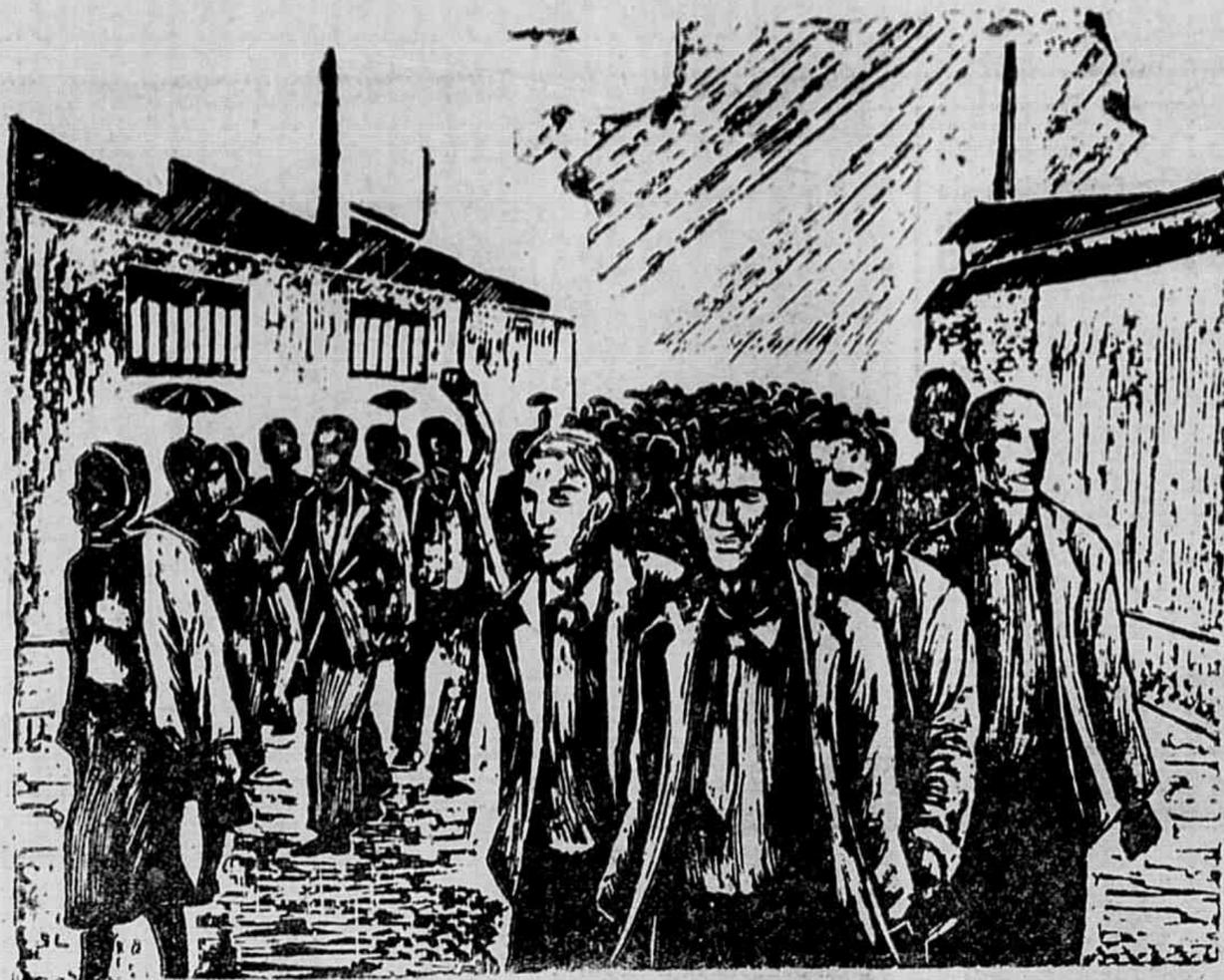
OS FERROVIARIOS SOVABAM OS TIRAS

A Alpargatas, empresa imperialista, estava guardada por numerosos soldados de armas embaladas. Nos seus arredores reinava verdadeiro estado de sítio. As 11 horas do terceiro dia de greve um piquete com 150 tecelões e metalúrgicos, homens e mulheres, marchou contra a bastilha. A polícia apontou as armas e, sob o comando de um dos gerentes da empresa, veio ao encontro do piquete. Este desdobrou-se rapidamente em vários grupos, distribuídos por todas as esquinas das ruas que vão ter à fábrica. Foi chamado o DOFS. De um carro forte desembarcaram os tarados, investindo como feras sobre operários e operárias. O piquete lutou manobrando, em avanços e recuos. Arrastou assim a polícia em direção à oficina da E. F. Central do Brasil na rua, Almeida Lima. Os ferroviários foram atraídos pelo barulho e confraternizaram com os grevistas. Entraram a valer os

policiais. Então eles deixaram de espancar os grevistas e correram para a oficina da Central, perguntando em tom ameaçador quem os tinha valado. Os mecânicos saíram em massa, e, ajudados pelos grevistas, deram uma surra nos policiais.

O PATRÃO SAIU-SE MAL

O piquete da fábrica de tecidos Penteado, no Cambuí, depois de luta com os mestres e capangas, conseguiu a adesão de todo o pessoal. A fábrica parou. A massa saiu em passeata, até o sindicato. De volta, os operários do Penteado se uniram aos de outra empresa e juntos marcharam para o portão da Extra Fina. Convidavam o pessoal a aderir, quando o patrão saiu cercado de espoletas e insultou a massa dizendo que «seus» operários não fariam greve. O piquete reagiu, soando o capitalista. O portão abriu-se e todos os trabalhadores da Extra Fina saíram, abraçando-se com os demais companheiros. Era mais uma empresa têxtil que se declarava em greve.



«FABRICA EM GREVE», gravura de Rosana Katz, abril de 1963

Piquete, Coração da Greve

O POVO O APOIA— ELE É O GRUPO DE CHOQUE NA LUTA COMUM CONTRA A CARESTIA

Com a instalação dos Q.G. Grevistas, sobretudo depois que o movimento se unificou na Comissão Inter-Sindical, logo se revelou a importância de um dos seus principais departamentos, a Comissão de Piquetes. É a comissão que mais trabalha. É o verdadeiro coração da greve. Como se constitui um piquete? Pode ser formado por três a cinco operários. Mas no atual movimento paulista os piquetes chegam a reunir grande número de homens e mulheres, revelando esta extraordinária bravura. Tem havido piquetes de 80, 100, 150 e mais combatentes. O efetivo, a distribuição de sua força, sua tática variam segundo a empresa, o número e a qualidade da tropa policial à disposição dos patrões, o terreno onde vão atuar. Para as empresas americanas, por exemplo é preciso formar potentes piquetes, pois o governo concentra contingentes numerosos e bem armados a fim de defender os privilégios de seus amos imperialistas.

A TÁTICA DOS PIQUETES

Os grandes piquetes se subdividem em grupos e cobrem assim os arredores da empresa, ocupando os lugares de passagem obrigatória dos operários. Dessa maneira dificultam a

ação da polícia. Um grupo volante se encarrega da ligação entre todos. Quando é preciso, a ligação concentra rapidamente todos os grupos num ponto determinado, e o piquete age no seu conjunto, quase sempre engrossado pela massa. A população apóia com simpatia os piquetes, vendo neles os grupos de choque da luta comum contra a carestia.

Há o piquete parador, que leva ao pessoal de uma empresa a palavra de ordem da greve, convence os elementos vacilantes, ajuda os que sentem dificuldade de se livrarem da coação patronal e policial. Depois de levada a empresa à greve, forma-se um piquete permanente de vigilância, para impedir a ação desmoralizante dos furadores, para manter a propaganda, para responder prontamente aos boatos, às notícias falsas espalhadas pelos patrões e pelo governo. Alguns piquetes têm realizado trabalho de finança para a greve e de esclarecimento político da massa.

O piquete é a tarefa preferida. Torna-se a maior atração dos grevistas. Quando um elemento novo e tímido faz seu batismo de fogo no piquete, ganha entusiasmo, passa a lutar

com audácia, sem arredar o pé do seu posto. Comem os participantes dos piquetes na cozinha dos Q.G. e dormem às vezes em casas mais próximas dos piquetes do seu campo de ação.

A história dos piquetes daria um livro. Vamos dar aqui apenas algumas experiências.

PIQUETE NA CRESPI

Ao ser conhecida a decretação da greve, os portões da grande fábrica de tecidos Crespi, na Mooca, foram fechados, guardando-o forte contingente policial. Chegou o piquete parador. Era numeroso, combativo. Passou pela polícia, postou-se defronte da bastilha capitalista, e mais de uma centena de vozes bradavam em coro: «Greve! Greve!» A polícia movimentou-se mas não conseguiu amedrontar o piquete. Foi ela que se retraiu, diante da firmeza dos grevistas. Houve um momento de ansiedade. Como responderiam àquele apelo os companheiros, os irmãos têxteis, escravos da Crespi? Súbito, ouviu-se o barulho de ferrolhos. O portão escancarou-se de par em par. E deu-se o emocionante encontro do piquete com o pessoal que saía para aderir à greve. Essa cena típica foi registrada pelo fotógrafo no feliz instante que ilustra hoje nossa primeira página.

POLICIA NÃO É GARANTIA

A Solfunje, na Lapa, trabalhava sob controle militar. Produz material ferroviário que interessa aos americanos da Comissão «Mixta». Produz para a guerra, para facilitar o transporte de minérios em condições ruins, segundo o plano de colonização de nosso país. Por isso estava guardada por muitos soldados e tiras do DOFS. O piquete chegou com sua auto-defesa e bloqueou a empresa. Os policiais saíram espancando os operários. Mas o piquete conseguiu a adesão de todos, engrossou com a massa, e a polícia encolheu-se. A Solfunje parou. O patrão trouxe furadores que se sentiam apertados entre o piquete e os soldados, eram revistados e humilhados, porque a polícia desconfiava que entre eles se «infiltrassem» grevistas para agir dentro da fábrica. O piquete se adaptou às condições, passou a atuar em incursões rápidas, de surpresa. A polícia não conseguiu furar o bloqueio e os «caranguejos», sem garantia, nunca mais apareceram.

Outro piquete notável foi o da Cama Patente. Sem medo à metralhadora assestada e às balonetes que os soldados calaram impediram a ação dos furadores. Estes tiveram de procurar o piquete, prometendo não voltar a seu infame papel. Só então obtiveram livre

O PIQUETE PIXADOR

Na indústria Jaffet a paralização era parcial. Munido de uma lata de pixe e brocha um pequeno piquete de quatro operários abordava os que passavam.

- Para onde vais?
- Vou trabalhar.
- Então és «caranguejo».

Imediatamente o piquete pixava uma cruz na cara do furador. No dia seguinte já havia muito menos furões.



A greve arrancou-os do carcere

Os grevistas em luta já haviam conquistado os 32% de aumento. Mas nos cárceres de Getúlio e Garcez encontravam-se vários companheiros presos por sua atuação na greve, entre os quais o líder dos marceneiros, secretário do sindicato, Euclides Pavão. Os operários não hesitaram: só voltariam ao trabalho com a libertação de todos os grevistas encarcerados. Isso lhes ditava sua consciência de classe. Ao mesmo tempo defendiam o sagrado direito de greve, lutavam contra a arbitrariedade do governo.

Numa sôrdida mistificação de ocasião dos patrões, Garcez

dissera que não havia nenhum grevista preso na polícia pois de antemão os entregara à justiça.

A continuação da greve, entretanto, arrancou os grevistas do cárcere. O governo teve de ceder diante da formidável pressão de massas. A justiça que antes se negara a ceder habeas-corpus voltou atrás de sua decisão.

Os grevistas estavam reunidos no Q.G. do Hipódromo quando chegaram os operários libertos. Uma impressionante ovação os acolheu, saudando a vitória.

do, tem excepcional importância o discurso pronunciado por Stálin, em maio de 1935, quando da promoção de comandantes saídos das Academias do Exército Vermelho:

Para por em movimento a técnica e obter todo o rendimento dela — diz o camarada Stálin — são necessários homens que a dominem, são necessários quadros capazes de assimilar e aproveitar essa técnica, de acobrir com todas as regras da arte a técnica, sem homens que a dominem e uma coisa morta. A técnica com homens à frente, que a dominem, pode e deve fazer milagres. Se nossas fábricas e empresas industriais de primeira ordem, se nossos sovcozes e colcozes, se nosso transporte, se nosso Exército Vermelho contarem com uma quantidade suficiente de quadros capazes de dominar a técnica, nosso país obterá um rendimento três ou quatro vezes maior do que o que atualmente obtém... É necessário que se compreenda de uma vez por todas que, de todos os valiosos capitais que existem no mundo, o mais precioso e decisivo é constituído pelos homens, pelos quadros. É necessário, que se compreenda que, em nossas atuais circunstâncias, os quadros tudo decidem. Se contarmos com bons e numerosos quadros na indústria, na agricultura, nos transportes, no exército, nosso país será invencível. Se carecermos deles, coxearmos dos dois pés». (J. Stálin, Problemas do leninismo, pag. 490-491, ed. russa).

As palavras do camarada Stálin constituíram poderoso impulso para resolver um dos problemas mais importantes da construção do socialismo: o dos quadros. A força dessa indicação do chefe do Partido não consistiu somente em concentrar a atenção de todas as organizações do Partido, e dos Soviês, no problema dos quadros, mas, também, teve um considerável eco na base, entre as massas, despertando nova onda de entusiasmo pelo trabalho.

Por iniciativa de operários avançados da base, surgiu, com poderoso impulso, o movimento stakanolista. Iniciado na base do Donets, na indústria hulleira, estendeu-se, com incrível rapidez a todos os ramos da economia nacional. Dezenas e centenas de milhares de admiráveis heróis do trabalho deram exemplo ao país, a todos os ramos da economia nacional.

O camarada Stálin pôs em evidência, perante todo o Partido e perante todo o país, a enorme importância histórica desse novo movimento socialista do trabalho na indústria, no transporte e na agricultura, de como se devia assimilar a técnica e conseguir a produtividade das milhares de admiráveis heróis do trabalho deram exemplo ao país, a todos os ramos da economia nacional.

Por iniciativa de operários avançados da base, surgiu, com poderoso impulso, o movimento stakanolista. Iniciado na base do Donets, na indústria hulleira, estendeu-se, com incrível rapidez a todos os ramos da economia nacional.

O camarada Stálin pôs em evidência, perante todo o Partido e perante todo o país, a enorme importância histórica desse novo movimento socialista do trabalho na indústria, no transporte e na agricultura, de como se devia assimilar a técnica e conseguir a produtividade das milhares de admiráveis heróis do trabalho deram exemplo ao país, a todos os ramos da economia nacional.



Stálin pronunciando seu célebre discurso aos eleitores, a 11 de dezembro de 1937

Stálin assume a direção imediata dos trabalhos na Conferência stakanolista de toda a U. R. S. S. e de outras conferências de operários avançados da indústria, do transporte e da agricultura, celebradas no Kremlin. Com os stakanolistas da indústria e do transporte, te com os condutores de máquinas-atratoras, de tratores, com as ordenhadoras, com as heroínas dos campos de beterraba, examina, em todos os seus detalhes, problemas de técnica e de produção de todo os ramos da economia nacional.

No Kremlin, com os membros do C. C. e do Governo Stálin recebe numerosas delegações das florescentes Repúblicas socialistas da União Soviética, conseguida pela aplicação da política nacional leninista-stalinista. Juntamente com os operários e colcozianos avançados, o camarada Stálin e seus colaboradores tomam parte em todas as reuniões, conferências, reuniões, exames, ordenhadoras, com as heroínas dos campos de beterraba, examina, em todos os seus detalhes, problemas de técnica e de produção de todo os ramos da economia nacional.

No Kremlin, com os membros do C. C. e do Governo Stálin recebe numerosas delegações das florescentes Repúblicas socialistas da União Soviética, conseguida pela aplicação da política nacional leninista-stalinista. Juntamente com os operários e colcozianos avançados, o camarada Stálin e seus colaboradores tomam parte em todas as reuniões, conferências, reuniões, exames, ordenhadoras, com as heroínas dos campos de beterraba, examina, em todos os seus detalhes, problemas de técnica e de produção de todo os ramos da economia nacional.

No Kremlin, com os membros do C. C. e do Governo Stálin recebe numerosas delegações das florescentes Repúblicas socialistas da União Soviética, conseguida pela aplicação da política nacional leninista-stalinista. Juntamente com os operários e colcozianos avançados, o camarada Stálin e seus colaboradores tomam parte em todas as reuniões, conferências, reuniões, exames, ordenhadoras, com as heroínas dos campos de beterraba, examina, em todos os seus detalhes, problemas de técnica e de produção de todo os ramos da economia nacional.

Vejam as palavras de ordem do camarada Stálin: «fazer dos colcosianos homens remediados», «converter os colcosianos em colcozes bolcheviques», «dominar a técnica», e as seis condições históricas do camarada Stálin; tudo isto, é o que nos serve de guia para a construção do socialismo na fase atual de nosso trabalho, tudo isto parte dêsse homem, e tudo o que temos conquistado, no primeiro quinquênio, o obtivemos à base de suas diretivas». (S. Kirov, Artigos e discursos escolhidos, 1912-1934, pg. 609-610, ed. russa).

Em princípios de 1934, Stálin dirige os trabalhos do XVII Congresso do Partido, que passou à história como o Congresso dos vencedores. Em seu informe para o Congresso, o camarada Stálin faz o balanço das vitórias históricas obtidas pelo Partido, das vitórias do socialismo na U.R.S.S.

Triunfou a política da industrialização, da coletivização total da agricultura, da liquidação dos culaques como classe. Triunfou a doutrina da possibilidade da construção do socialismo num só país. O sistema socialista converteu-se no poder de domínio absoluto sobre toda a economia nacional, havendo-se afundado todas as demais formações econômicas. Os colcozes triunfarão definitivamente e inevitavelmente.

Mas Stálin faz observar que a luta está muito longe de haver terminado. Embora os inimigos tenham sido derrotados, os restos de sua ideologia vivem ainda e frequentemente se fazem sentir. Continua em vigor o cerco capitalista. Este anima e aproveita os ressaltos do capitalismo na consciência dos homens.

O camarada Stálin assinalou que os ressaltos do capitalismo na consciência dos homens são, no problema nacional, mais persistentes do que em qualquer outro. Respondendo à pergunta de que desvio, no que concerne ao problema nacional, constituía o perigo mais importante — se o do nacionalismo grão-russo ou o do nacionalismo localista — o camarada Stálin dizia que, nas condições atuais, «o perigo mais importante é o constituído pelo desvio contra o qual se deixou de lutar, permitindo, dêsse modo, que se desenvolva, até converter-se num perigo para o Estado». (J. Stálin, Problemas do leninismo, pag. 474, ed. russa).

É necessário realizar um trabalho sistemático para superar os vestígios do capitalismo, na consciência dos homens; é necessário exercer uma crítica sistemática, sob o ponto de vista ideológico, de



tôdas as correntes hostis ao leninismo; é necessário realizar uma propaganda infatigável do leninismo, elevar o nível ideológico dos membros do Partido e a educação internacionalista dos trabalhadores. Stálin frizou especialmente a necessidade de que o Partido exercesse a maior vigilância:

«Não se deve adormecer o Partido, mas, ao contrário, desenvolver nele o espírito de vigilância; não se deve embalar-lo, mas, ao contrário, mantê-lo em pé de guerra; não se deve desarmá-lo, mas, ao contrário, armá-lo; não se deve desmobilizá-lo, mas ao contrário mantê-lo em estado de mobilização para a execução do Segundo Plano Quinquenal». (J. Stálin, *Problemas do leninismo*, pg. 484, ed. russa).

No informe de Stálin há um programa concreto dos trabalhos a realizar no terreno da indústria, da agricultura, do comércio, do transporte, e um programa dos trabalhos de organização (quadros, revisão e controle do cumprimento das decisões); apresenta-se o problema de «elevar a direção do trabalho de organização ao nível da direção política». No informe de Stálin, apresenta-se um programa do trabalho a efetuar no que concerne à cultura, às ciências, à instrução pública e à luta ideológica.

Em seu informe, falando da política exterior da U.R.S.S., o camarada Stálin dizia que, no mundo capitalista, continuava desencadeada a crise econômica e se levavam a cabo febris preparativos de guerra numa série de países, particularmente na Alemanha, em relação com a chegada dos fascistas ao poder. Em meio das comoções econômicas e das catástrofes políticas e militares, a U.R.S.S. continuava mantendo-se firme e inquebrantável nas suas posições de paz, lutando contra a ameaça de guerra, aplicando insistentemente uma política de paz.

«Nossa política exterior é clara — dizia o camarada Stálin. É uma política de conservação da paz e de intensificação das relações comerciais com todos os países. A U.R.S.S. não pensa ameaçar e muito menos atacar ninguém. Somos pela paz e defendemos a causa da paz. Porém não tememos as ameaças e estamos dispostos a responder golpe por golpe aos provocadores de guerra... E os que tentem atacar o nosso país, receberão golpes demolidores, que no futuro lhes tirem o desejo de meter seus focinhos de porcos em nosso jardim soviético». (J. Stálin — *Problemas do Leninismo*, pág. 436, ed. esp.)

nacionalidade, raça, sexo e lei in-
A igualdade de direitos de todos os
em sua velhice e em caso de doença
no trabalho, no descanso, à ins-
de produção. Garante-se a todos os
da U. R. S. S. e constituída pela
operários e os camponeses. A base
do ela, a sociedade soviética está
do socialismo estão consagradas na
o sufrágio universal, igual, direto
permite continuar democratizando o
viva sido aprovada a Constituição de
que se haviam produzido em nosso
Stálin fundamentou o profundamen-
nstituição, pronunciado a 25 de no-
III Congresso extraordinário dos So-
cio de Constituição.
o soviético recebeu e aplaudiu, com
importantíssimo documento da his-
os trabalhadores não estudassem e
prazo de cinco meses e meio. Não
O projeto foi submetido à discus-
tida pelo camarada Stálin elaborou a
dificasse a Constituição.
n. o C. C. do Partido propôs no VII
ma Constituição, aprovada em 1924.
de classes do país. Isso tornava ne-
toda a economia nacional produzi-
desde os primeiros passos de sua
tas. Ele mesmo deu o melhor exem-
der deles» — dizia o camarada Stá-
e sabem ensinar os operários e os
e podem ser verdadeiros dirigentes
a, sobre os problemas mais impor-

tudo o que Marx, Engels e Lênin tr
a teoria da dialética, e desenvolve
terialismo histórico e dialético, à
ciência e da prática revolucionária

O camarada Stálin desenvolve
fundamento teórico do comunismo,
marxista-leninista tem do mundo
classe operária na sua luta para c
riado e construir o comunismo. Com
trabalho a união íntima que existe
leninismo e a atividade prática re
vique. Para não nos equivocarmos
Stálin, precisamos nos guiar pelos
marxista, conhecer as leis do des
de Stálin Sobre o materialismo dial
escrita por um mestre incomparave
síntese da gigantesca experiência p
coloca num nível novo, mais eleva
constitui a verdadeira culminância
vista leninista, ...

Em março de 1939, Stálin diri
gresso do Partido, brilhante manifes
jamais vistas, até então, no Parti
torno de seu Comitê Central leninista

Em seu informe sobre a atuação
uma profunda análise da situação
tica, desmascarando os planos dos p
venção contra a U.R.S.S. Cinco ano
XVII Congresso do Partido. Para os
período de gravíssimas comoções,
como no da política. A crise econô
são de tipo especial, sucedeu, a par
uma nova crise econômica que afet
terra, a França e outros países cap
nal tinha-se tornado aguda em extre
de paz do pós-guerra havia sido j
guerra imperialista, a segunda.

Da direita para a esquerda: Stálin, Zhdanov, nos camaradas de Mojoski, tomado em 1934.



COMO consequência dos êxitos da linha geral do Partido, continuavam avançando continuamente no país a indústria e a agricultura. O Segundo Plano Quinquenal stalinista completou-se, na indústria, em abril de 1937, antes do prazo fixado, isto é, em quatro anos e três meses. Ao encerrar-se a reconstrução da indústria e da agricultura, nossa economia nacional estava provida da técnica mais avançada do mundo. Nossa indústria recebeu enorme quantidade de máquinas, tornos e outros instrumentos de produção. Nossa agricultura obteve os magníficos tratores soviéticos, ceifadoras-atadeiras e outras complicadas máquinas agrícolas. O transporte, magníficos automóveis locomotivas, vapores e aviões. O Exército Vermelho Operário e Camponês ficou magnificamente equipado com uma técnica nova em artilharia, tanques, aviões e navios de guerra.

Todo esse gigantesco trabalho de rearmamento técnico de nossa economia nacional levou-se a cabo sob a direção imediata de Stálin. Novas marcas de máquinas, grandes invenções e inovações técnicas entraram e continuam entrando em uso por indicação direta sua, intervinha pessoalmente em todos os detalhes do trabalho de reconstrução técnica da indústria e da agricultura, animando e alentando operários e engenheiros, diretores de empresas isoladas e de ramos industriais, inventores e construtores. Especial atenção e amor dedicou ao trabalho de equipar tecnicamente nosso Exército

soviético perante o povo. Sob a direção do C. C. e do camarada Stálin, o Partido reorganizou os métodos de trabalho, de acordo com suas novas tarefas, no sentido de desenvolver os princípios da democracia interna, fortalecer as bases do centralismo democrático, desenvolver a crítica e a auto-crítica, fazer com que fosse mais completa a responsabilidade dos órgãos do Partido perante suas massas. Pedra angular da campanha eleitoral do Partido, foi a idéia stalinista do bloco de comunistas e sem-partido.

A 11 de dezembro de 1937, véspera do dia das eleições, Stálin falou em seu distrito eleitoral, pondo em evidência a radical diferença entre as eleições na U.R.S.S., verdadeiramente livres, e as eleições nos países capitalistas, onde o povo se encontra sob a pressão das classes exploradoras. Na U.R.S.S. foram suprimidas as classes exploradoras, o socialismo já é uma realidade viva e as eleições se celebram sobre essa base. Em seguida, determinou Stálin que condições deviam reunir os dirigentes eleitos pelo povo, como deputados do Soviét Supremo. O povo deve exigir que sejam homens políticos do tipo de Lênin, tão lúcidos e tão precisos, tão intrépidos no combate, tão refratários a toda sombra de pânico, tão implacáveis com os inimigos do povo, tão ponderados e refletidos, quando se trata de resolver complexos problemas políticos, que necessitam da orientação em todos os seus aspectos; tão verazes e amantes do seu povo, como o era Lênin.

Todo o país escutou o discurso do seu genial e sábio dirigente. Suas palavras chegaram ao fundo da consciência dos trabalhadores. Esse discurso de Stálin determinou os princípios que guiam a atividade dos homens eleitos pelo povo, inspirou este e deu ainda maior coesão ao bloco de comunistas e sem-partido.

A 12 de dezembro, celebraram-se as eleições para o Soviét Supremo da URSS. Converteram-se numa festa de todo o povo, num êxito do povo soviético. Dos 94 milhões de eleitores que integram o censo, tomaram parte nas eleições mais de 91 milhões (96,8%) e 90 milhões de homens confirmaram a vitória do socialismo ao votar, por unanimidade, pelas candidaturas do bloco de comunistas e sem-partido. Foi uma brilhante vitória do bloco stalinista dos comunistas e dos sem-partido, um êxito do Partido de Lênin e Stálin, da direção leninista-stalinista do Partido.

(*) — Publicado em português com o título «A luta contra o Trotskismo».